

Ângelo Giuseppe Xavier Lima
Júlio César de Melo Borges



LIVRO DOS MONSTREMAS



Universidade Estadual da Paraíba
Prof^ª. Célia Regina Diniz | *Reitora*
Prof^ª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Latus é um selo da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*
Antonio de Brito Freire | *Editor Técnico*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)
Alberto Soares de Melo (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Ângelo Giuseppe Xavier Lima & Júlio César de Melo Borges

LIVRO
DOS
MONSTREMAS



Campina Grande-PB

2023



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Técnica

Carlos Alberto de Araujo Nacre
Thaise Cabral Arruda
Walter Vasconcelos

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

L7321 Lima, Angelo Giuseppe Xavier.
Livro dos Monstremas. Angelo Giuseppe Xavier Lima,
Júlio Sérgio de Melo Borges. – Campina Grande: Latus, 2023.
174 p.: il.; 15 x 21 cm; 4986 KB.

ISBN: 978-85-7879-868-0 (E-book)
ISBN: 078-85-7879-867-3 (Impresso)

1. Inteligência Artificial. 2. Modelagem generativa. 3.
Arte e poesia. I. Borges, Júlio Sérgio de Melo II. Título.

CDD 006.3

Ficha catalográfica elaborada por Ana Virginia de Queiroz Melo Leite – CRB-15/378

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

INTRODUÇÃO

O campo da linguagem é constituído por diversos cenários efêmeros, neles objetos inclassificáveis estranhamente misturam-se a fenômenos bizarros que fazem da apreensão da realidade um exercício de borda às portas de surpreendentes ilusões de ótica. Isso exige uma atenção maior às biografias das coisas que por esses frontispícios circulam produzindo efeitos bioquímicos. Ficar em tais paisagens certos objetos esquisitos exigem consideração a ignorância radical sobre o que os constituem. Assim, somos tentados a considerar não apenas a tradição que se impõe como indispensável em toda e qualquer leitura, mas também, o arriscar-se a encarar o surpreendente e inaudito que pulula entre diversos acontecimentos sobrepostos, insurgindo-se, não raro, como isótopos que faz avançar objetos contra objetos, tornando possível uma intraposição mútua. O que, sobre a própria dimensão intuitiva dobram-se como imposição do novo sob formas e objetos até então impossíveis.

A intraposição inerente ao campo isotópico, faz do dizer um momento precedido por inúmeros exercícios em tempos de saberes que conduzem as falas a instantes precisos. A pressão exercida para fazer caber na dimensão gramatical as profusas produções imagéticas, sob formas viscosas de retórica, é o que incitam a linguagem como um perigoso ativo circulante na economia pulsional que, nesse mesmo instante, curto circuito no encontro de falas, explodindo em confusões de línguas.

Como bombas em fogueiras de São João, inúmeras imagens incandescentes são arremessadas violentamente ao ar, espalhando-se luminosamente por todo o campo. Ao despencarem, tais artefatos desenham, sobre o chão frio, anamorfoses pulsantes que se movimentam entre brasas convocando assistência encantada a fazerem uso da paralaxe que pode desvelar o enigma presente no escrito contido da imagem.

Os monstremas que veremos a seguir seguem a lógica de uma emergência operada em pares de ilusões duplamente reinscritas que, por sua vez, obedecem a uma estranha construção “somatoforme” capaz de pintar a escrita escrevendo-se nas imagens. Por tal economia transaciona-se elementos topológicos capazes de desestabilizar afetos que deformam a posição da assistência produzindo também nela, efeitos anamórficos, sugerindo, quem sabe, no seu olhar, a sombria ação da pulsão de morte.

Considerando o inequívoco valor da experiência visual em nossos dias é que apontamos nos monstremas uma certa lascívia esparramando-se sobre as alego-

rias eróticas do nosso tempo, por vezes, assumindo formas macabras, mas que não deixam de traçar a gravidade exata das migrações de delicados afetos, ocorridas entre as imagens textuais e as composições pictóricas.

Se os caprichos da inteligência artificial sustentam tamanho desaforo, atentemo-nos para o espaço que se abre às associações simbólicas que com os monstremas são postas em curso.

Atentemo-nos mais ainda para a própria tensão interna que nos monstremas incidem sob a forma de uma fronteira nervosa entre a dimensão alegórica das composições de palavras e imagens e o próprio caráter de inacessibilidade do real que as movem.

É em meio a fantasia ornamental a qual está exposto cada monstrema, notório se faz o impassível triunfo da imagem que os circunscrevem. Se diante dos mesmos, os olhos já não podem nos ensinar muita coisa, é porque a imagem os vence, transcendendo a retina, produzindo no corpo as contrações que farão parir o monstro aí há muito gestado.

Das salas de silício, com imagens em trabalho de parto, de letras gestantes, nasce junto o Monstrema. Um estilo biológico surreal, micélio inquiridor que se reproduz sobre valências de palavras em campos rizomáticos. Estendendo-se sobre a biosfera é capaz de transmuta-se como irruptivo esforço mediador exercido nos temerários frontispícios epistemológicos que põem frente a frente as composições desejantes e a grafia imagética prendada por uma laboriosa inteligência artificial.

Em movimento constante, dobra-se, se contorce, se alinha, foge ao mesmo tempo que fagocita o entorno. Desejoso, tenta recompor o ecossistema carconido que constantemente apodrece suas raízes, expondo-o a eterna deriva que o sacode na promíscua relação do humano e a máquina. Ruminando palavras caras ao mesmo tempo que deglute termos antigos, o monstrema, às vezes, cospe imagens esquisitas de conceitos inteiros.

Monstrema é vida que nasce sozinha, antes mesmo do parto que a anuncia, não devendo nada a quem a materializa. Como retorno espectral, sua substância acomoda-se sem cerimônias às dimensões da carne que a abriga ou das trilhas metálicas que o faz circuitar esquentando o cobre e ouro estendidos sobre eletrizantes fibras de vidro. Indiferente a hospedagem, se templo de horror ou vastidão de alegria, o que lhe importa é cumprir o ritual antropofágico, prover à tribo o espírito de uma história de guerra e amor dedicada a vida que se nega a escravidão do medo.

Como afronta teórica, volta e meia, ameaçado, o monstrema se parte. Ao exercer sua autotomia confunde o predador ao redimensionar-se como armadilha. Tão cheio de vida quanto o mangue, do seu velho rabo, herda agilidades febris para decompor regimes, expectando o trabalho vicejante da cosmologia de línguas prenhe. Nesse sentido o monstrema é construto que diante da fúria de um corpo imerso em confusões de línguas, se insurge como esforço de poesia antropofágica, retrato de matéria que se ver estranha a si mesma, quiçá, um singelo ciborgue.

Exposto ao sol, brilha confundindo o negrume especular da lama. Faminto como bulbo fluorescente move-se rapidamente em meio a micélios imaginários de *philia poiesis*. Nesse curtume de vidas tantas, à revelia das tirânicas vozes, o monstremata faz reverência às letras que nele têm como fim recompor imagens por sons e silêncios. Curado em tecidos de textos escritos, em meio a fedentina que exala, por fim, a monstruosa criatura, encontram na “associação livre” da inteligência artificial seu mais que inédito ritual de retorno pictórico.

Tal ritualística firma compromisso estreito com o chamado anarquismo epistemológico de Paul Feyerabend. É desse platô que podemos apontar para uma modalidade de escrita imagética que, partindo de figuras que a inspiram, escreve-se por contornos textuais, apontando para um retorno por vias teleológicas assumido em processo interno de inteligência artificial, quiçá, podendo ser também, uma atividade de ação que implica o humano frente a possibilidade de vê-se como monstruosidade aumentada em meio aos regimes de saberes apequenadamente instituídos por entre gigantescos abismos.

Se os regimes de saber movem forças capazes de moldar seus próprios abismos, são os sistemas de escrita imagética, que prometem a estabilidade do espaço, a precisão do número, a extensão do tempo, a apreciação das qualidades, assim como, a radicalidade na composição do objeto em relações para com as propriedades que lhes são constituintes, apontando para a própria textura do que lhe deu origem.

Nesse sentido os regimes de saberes são aqui dispostos como forças brincantes que operam sobre móveis de encanto e beleza chamando a atenção de quem a eles se mantém em relação. Se ora servem aos olhos como alegres e coloridos brinquedos, o ranger em seus giros desperta em meio a ambiência sonora que ritma o movimento, o fremir monstrêmico de seus truques, quando esses enervam corpos chistosos. *Mutatis Mutandis* o regime de saber contido em um monstremata é, por sua via, um móvel de criação. O que nos leva a inquirir se: seriam os monstrematas capazes de agitar, de um lado, a percepção e, de um outro, a inteligência de seres aumentados?

Por fim, a coletânea que apresentamos aqui, é um esforço que só pode se realizar como monstração daquilo que se propõe a ser monstruosidades. Ou seja, os escritos que recompõe as imagens em letras, são recompostos pela Inteligência Artificial em imagens associadas. Se isso continuará, só você leitor poderá responder.

Ao fazer girar nossos monstrematas pelo programa de computador, apelamos para que a máquina, curto-circuitando as palavras às imagens, nos obrigue a pensar o estranho movimento da monstruosidade que nos constituiu nesse processo.

Eis nossa experiência limítrofe, ornamentos nada cautelosos aos incidentes imaginários que nos acossam.

Ángelo Giuseppe Xavier Lima

Recife, 2022

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: Dando Vida à Arte

Ao abrir as páginas deste belo livro de arte e poesia, é essencial fazer uma pausa e apreciar a mágica tecnológica que deu vida a estas criações. Este livro apresenta o melhor dos modelos generativos, um ramo da inteligência artificial (IA) que vem transformando a arte e a literatura com sua capacidade de criar imagens, poesias e prosas realistas.

Em termos simples, a modelagem generativa em IA refere-se à criação de novos exemplos de dados, nunca antes vistos, que são semelhantes a um conjunto de dados existente. Isso é alcançado treinando um modelo de IA para compreender os padrões e estruturas subjacentes aos dados de entrada. Uma vez que o modelo de IA tenha aprendido esses padrões, ele pode produzir novos exemplos que se assemelham aos dados originais.

Como funciona a IA generativa? Imagine um artista que passou anos estudando as obras de grandes mestres como Van Gogh, Monet e Picasso. Depois de adquirir um profundo entendimento de seus estilos e técnicas, o artista pode criar pinturas originais que evocam a essência desses mestres. De forma semelhante, os modelos generativos alimentados por IA aprendem com grandes quantidades de dados para criar novas e únicas peças de arte, poesia e prosa. No cerne da IA generativa estão algoritmos complexos que analisam e identificam padrões nos dados de entrada (imagens, texto ou mesmo música). Uma vez que o modelo de IA compreende as relações e regras definem novos exemplos únicos que se assemelham à entrada original. Isso é alcançado por meio de um processo iterativo de tentativa e erro, em que o modelo de IA aprimora seu entendimento dos dados e aprimora progressivamente suas habilidades criativas.

À medida que os modelos de IA generativa se tornam mais sofisticados, eles adquirem a capacidade de criar obras cada vez mais realistas e imaginativas, transcendendo os limites da criatividade inspirada pelo ser humano. Essa poderosa tecnologia não está apenas remodelando a paisagem da arte, literatura e música, mas também está encontrando aplicações em diversos campos, como pesquisa científica, engenharia e medicina, tornando a IA generativa uma força transfor-

madora em inúmeras áreas.

Existem várias técnicas usadas em IA generativa, como Redes Adversariais Generativas (GANs), Autoencoders Variacionais (VAEs) e Modelos de Difusão, cada uma com sua própria abordagem para aprender e criar. Alguns métodos envolvem competição entre

diferentes componentes de IA para melhorar a saída final, enquanto outros empregam um processo mais gradual e passo a passo para refinar o conteúdo gerado.

REDES ADVERSARIAIS GENERATIVAS (GANS):

A Arte Da Rivalidade Amigável

As GANs (Generative Adversarial Networks), introduzidas por Ian Goodfellow em 2014, representam um avanço no campo da modelagem generativa. Esses modelos consistem em dois agentes de IA, o gerador e o discriminador, que jogam um jogo de rivalidade amigável. A tarefa do gerador é criar amostras realísticas de dados, enquanto o discriminador tenta distinguir entre as amostras geradas e os dados reais. À medida que os dois agentes competem, ambos melhoram, e o gerador se torna cada vez mais habilidoso em produzir amostras realísticas.

No contexto da arte, o gerador é como um artista aspirante que tenta imitar o estilo de um pintor específico, enquanto o discriminador é como um crítico de arte que tenta determinar se uma pintura é original ou falsificada. À medida que o artista se torna melhor em imitar o estilo, a habilidade do crítico em distinguir entre pinturas reais e falsas também melhora.

MODELOS DE DIFUSÃO:

A Arte Da Transformação Gradual

Os modelos de difusão representam outra abordagem intrigante para a modelagem generativa. Esses modelos operam no princípio de transformar uma amostra de dados em outra por meio de uma série de pequenos passos aleatórios. No caso da geração de imagens, o processo começa com uma imagem aleatória e ruidosa e a refina gradualmente até se tornar uma representação coerente e realista.

Imagine um artista que começa com uma tela em branco e adiciona camadas de tinta gradualmente, passando de um esboço grosseiro para uma pintura altamente detalhada. Da mesma forma, os modelos de difusão adicionam ou modificam iterativamente os recursos de uma imagem até que ela se assemelhe ao resultado desejado. Essa técnica mostrou grande promessa na geração de imagens de alta qualidade, até mesmo superando as capacidades das GANs em alguns casos.

As imagens exibidas neste livro foram geradas usando um modelo de difusão

chamado "Disco Diffusion", cujo dado de entrada foi em cada Monstrema a poesia em questão.

IMPACTOS PARA A SOCIEDADE E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

No Centro da Bosch para Inteligência Artificial na Alemanha, onde tenho a sorte de trabalhar, aproveitamos o poder da IA generativa para melhorar significativamente a segurança no campo da Condução Automatizada para Veículos Autônomos. Ao criar novos cenários de condução relevantes para a segurança que são extremamente raros ou difíceis de encontrar em situações do mundo real, se aborda efetivamente um desafio-chave no processo de desenvolvimento. Por exemplo, modelos de IA generativa são capazes de simular situações complexas de tráfego, como navegar por um cruzamento movimentado da cidade durante em horário de pico, ou lidar com

encontros inesperados com pedestres ou ciclistas. Ao treinar e testar algoritmos de Condução Automatizada nesses cenários sinteticamente gerados, estamos melhor preparados para desenvolver nossos sistemas para a ampla gama de condições de condução que enfrentarão. Consequentemente, esses algoritmos se tornam mais robustos e adaptáveis, garantindo uma experiência de condução mais segura e confiável para os usuários de veículos autônomos. Essa abordagem inovadora para a segurança não apenas acelera o desenvolvimento de tecnologias de ponta em Condução Automatizada, mas também contribui para a construção de confiança na adoção do transporte autônomo.

A IA generativa no domínio da Geração de Arte também tem o potencial de contribuir para a preservação do patrimônio cultural, uma aplicação notável dessa tecnologia de ponta. Ao analisar e aprender os padrões e estilos intrincados de vários artistas, movimentos artísticos e períodos históricos, os modelos de IA podem imaginar, recriar e restaurar obras de arte danificadas com precisão impressionante. Essa capacidade nos permite reviver peças inestimáveis de nosso legado cultural compartilhado que, de outra forma, teriam sido perdidas para o tempo, desastres naturais ou conflitos humanos. Além disso, a IA generativa pode ajudar a superar divisões culturais, possibilitando a criação de novas obras de arte que combinem elementos de diferentes tradições e períodos artísticos, promovendo apreciação e diálogo intercultural. As aplicações na Arte e seu impacto na sociedade são, portanto, múltiplos.

No entanto, a filosofia por trás da IA também abrange uma ampla gama de questões éticas, sociais e existenciais, já que o rápido desenvolvimento dessa tecnologia impacta profundamente vários aspectos da vida humana. À medida que a IA continua avançando, surgem preocupações sobre deslocamento de empregos, privacidade e a potencial concentração de "poder computacional de IA" nas mãos de poucas grandes empresas.

Além disso, os sistemas de IA podem perpetuar inadvertidamente vieses e desigualdades enraizados nos dados dos quais aprendem, levando ao tratamento injusto de certos indivíduos ou grupos. No entanto, a IA também tem o potencial de enfrentar desafios globais urgentes, como as mudanças climáticas, doenças e pobreza, oferecendo soluções inovadoras e aprimorando as capacidades humanas.

Assim, a filosofia por trás da IA gira em torno de encontrar um equilíbrio delicado entre aproveitar seu enorme potencial para o bem da sociedade e mitigar os riscos e dilemas éticos que apresenta. O envolvimento em um discurso interdisciplinar e a promoção do desenvolvimento responsável da IA, orientados por princípios éticos, são passos essenciais para garantir que a IA atue como uma força transformadora que verdadeiramente beneficia a humanidade como um todo.

Ao mergulhar nas páginas deste livro de arte e poesia, esperamos que você testemunhe a magia da modelagem generativa em IA para a geração de arte.

Julio Cezar De Melo Borges
Stuttgart, 10 de Abril de 2023

VENHA SE PERDER

*Que a palavra parede não seja símbolo
de obstáculos à liberdade
nem de desejos reprimidos
nem de proibições na infância
etc. (essas coisas que acham os
reveladores de arcanos mentais)*
Não.

*Parede que me seduz é de tijolo, adobe
preposto ao abdômen de uma casa.
Eu tenho um gosto rasteiro de
ir por reentrâncias
baixar em rachaduras de paredes
por frinchas, por gretas - com lascívia de hera.
Sobre o tijolo ser um lábio cego.
Tal um verme que iluminasse.*

(Manoel de Barros)

Do barro esculpido pela força do entalhe dos afetos viscerais humanos, ao encontro com os afetos produzidos na mirada à produção de razão meta humana (maquínico?), eis o mergulho proposto por este livro. Mergulho em denso oceano, dissolvendo, antropagizando a nós mesmos, aos nossos saberes, aos lugares fixos e higienicamente estabelecidos.

A leitura dos monstremas é uma convocação ao se lambuzar na humanidade, em suas produções e fluidos, sem pudores, ultrapassando limites e deslimites, “transvendo” o mundo, rastejando entre vermes que reconhecem frestas e se entremeam nos subversivos e incontidos filetes de luz.

Como nos cantam Vinicius e Toquinho, “Venha se perder nesse turbilhão. Não se esqueça de fazer tudo o que pedir o seu coração”. A premência de nos perdermos de nossas muletas, mulambos e certezas, faz imperar nos entregarmos ao fio da lâmina monstrêmica. Navalhando os excessos defensivos, a leitura nos oportuniza arrancar as camadas, armaduras, próteses e velhas peles que nos imobilizam diante do vivo. Nenhum deus será preservado! Nenhuma autoridade será reverenciada! Nada permanecerá estático, empoeirado, paralisado pela ferrugem do tempo e do conformismo. Nada passará incólume às miradas viscerais humanas e meta huma-

nas desta obra.

Transmutam-se corpos mortificados, putrefatos e moribundos, de uma dada ciência e medicina, ao saldo de uma erótica e ética vivificadas da existência. Rompe-se com a anestesia e a submissão ao farmaco/biopoder para se conquistar o corpo que baila e se contorce de alegria! Eis a alquimia monstrêmica! E, pasmemos nós, a lógica meta humana produz também odores e afetos que nos boliçam no que há de germe vivente, nas fibras mais primárias que ainda vibram em nós. A transmutação em que o sangue, a carne e a pele do colonizador, antes opressora, é digerida, metabolizada e antopofagicamente vertida em força de guerra em defesa da vida, em vermes e frestas nas paredes, é um dos efeitos do aventurar-se no universo monstrêmico produzido por Ângelo Xavier.

A alegria, força maior, impera com sua intensidade a revelia de tudo. Ao mesmo tempo, Ângelo generosamente abre as portas desse universo exuberante, feito parque de diversões, e nos convida a brincar, brincadeira séria... Séria e alegre. Como nos diz Kupermann o oposto da alegria não é a tristeza, mas o medo. Medo que mortifica, petrifica deuses e fantasmas. Mas a obra nos diz: tenhamos coragem de nos banhar nas águas viscosas das coisas que respiram e de afundarmos na lama que produz o adobe de paredes perfuráveis, assim como de nos transmutar, para vivermos a alegria daquilo que nos suja, nos lambuza e que excede o filtro do que se convencionou chamar de normal, limpo e saudável.

Como saldo final, nos encontramos com a ternura de uma grande mesa posta, feito banquete de cardápio diverso, de cheiros, cores e sabores nunca vistos ou sentidos, e um singelo bilhete na porta: entrem camaradas! Fartem-se de vida, poesia e pensamento!

Que sua fome encontre os bons pratos! Boa leitura.

*Ana Brancaleoni –
Sonhando a primavera em Dezembro de 2022.*

SOBRE OS MONSTROS QUE NOS ATRAVESSAM E QUE ESTÃO EM NÓS: breves apontamentos sobre desconforto e potência do “*Livro dos Monstremas*”.

Não por acaso as linhas abaixo levaram muito tempo para serem escritas. Um tempo descompassado, sintonizado apenas com os atravessamentos do processo de criação de monstruosidades que germinam o Livro dos Monstremas, que por sorte acompanho desde o lançamento das primeiras sementes no solo fértil.

Assim, já anuncio que optei por uma escrita enredada em memórias e afetações, com alguma pista de conversa com um feminismo acadêmico que me constrói enquanto docente e pesquisadora, que compõem minha mirada parcial, que me faz ainda apostar em uma Universidade que dá condições de possibilidade para alguma imaginação criativa na escrita e em outros fazeres acadêmicos.

Muito se moveu em nós desde o momento em que, em um encontro de coorientação de tese de doutorado (o ano era 2019), Ângelo nos apresentou a imagem do otocéfalo, que passou a povoar os silêncios dos nossos fechar de olhos, até as primeiras imagens criadas pela Inteligência Artificial (IA) para os textos de monstremas escritos. Desconforto, asco, surpresa, fascinação, movimentos de todo tipo nos tirou do lugar, do chão, do escuro, de dentro d'água, do olho do furacão, e ao mesmo tempo nos lançou de volta como faz um vendaval, tantas e tantas vezes, a esses mesmos lugares e outros não previstos nas nossas mais ousadas elucubrações.

Da imagem às imagens. Do otocéfalo à criação da IA. De uma figura humana, que desafiava a nossa possibilidade de classificá-la dessa forma, até figuras pós humanas, criadas pela Inteligência que, dizem alguns, parece ameaçar os humanos que a criaram.

E tudo isso acontecia ao mesmo tempo em que uma pandemia aterrorizava o mundo (Covid 19), evidenciando que alguns não humanos (vírus) saíram do esperado controle dos humanos. Agora, na publicação desse livro, a IA é uma questão do dia. Estarão esses “seres” fora do controle de quem os criou?

Quando Ângelo Xavier iniciou os primeiros movimentos de escrita da tese,

que culminou com a produção concomitante do Livro dos Monstremas, ele nos encorajava: “logremos o que do conhecimento se insurgiu como um pensamento forte, um afeto poderoso, um saber que se aponta como causa, um saber que se dirige a um novo modo de vida” (Xavier, 2019). Não só a tese defendida por ele ao final de 2022 produziu conhecimentos com os contornos que gostaria de destacar, mas também o presente livro contribuiu de forma significativa com esse projeto.

E quanta vida ele germinou, quanto imaginação ele possibilitou. Literalmente muita vida foi fermentada enquanto os monstremas textos saltavam de Ângelo, aos montes, quase em quantidade semelhante ao que crescia na kombucha e em outros ensaios de fermentação, de germinação e criação de vida que o autor levou a cabo simultaneamente aos escritos. Bactérias, fungos, mudas de plantas, frutas, palavras, bebidas, comidas, leituras, corpos em transformação, microbiota em expansão.

Do processo de criação da IA a partir dos textos dos monstremas foi possível ver uma dança estranha, um movimento multidimensional surpreendente, até chegar à fixidez da imagem final, parada, que parecia ter brotado do papel em branco e, aprisionada, continuava tentando microscopicamente se mover.

O Livro dos Monstremas é um caldo grosso com tudo isso. Se move, ferve, encanta, tem cheiro, tem sabor, arrepiam, corrói, faz crescer, dá pesadelo e faz sonhar, faz imaginar mundos possíveis, não só os que já alcançamos ao entendermos que convivemos multiésspecies, mas os que ainda estão por vir. É um exercício de criação de diferença, de superação de dualismos e hierarquizações, de difração.

Os textos monstremas, ao jogar diante de nossos olhos as obviedades não vistas de pronto, promove indignação, vergonha, revolta, às vezes alegria, outras euforia. Nos perguntamos ao ler/ver tais textos e as imagens deles resultantes: “com o sangue de quem se moldaram meus olhos?”, a mesma pergunta que fez Donna Haraway em *Simians, Cyborgs and Women: the reinvention of nature* de 1990, só agora, literalmente agora, lançado em português pela WMF Martins Fontes (setembro de 2023). Quem pode ver o quê e desde qual posição? Precisamos de imagens para pensar, pra imaginar. Ao mesmo tempo, para quem ver? Com quem ver? Para quê ver? E para cegar o que, quem, com quem?

Nunca é demais lembrar que o olhar engendrado pelas ditas ciências modernas hierarquizou violentamente, diferenciou e buscou funções, supondo um distanciamento, um olhar sem corpo, sem cheiro, ser tanto e sem audição, marcado pelas dicotomias de toda ordem, pela generalização, pela reflexão e pela representação do mesmo.

Conversando com Donna Haraway desde suas publicações dos anos de 1990 até a atualidade, Helen Torres nos animar a atuar como “oclotentaculares”, lançando monstruosamente “olhos que tocam”, que sentem, de viventes que convivem com outras espécies companheiras, sem tentar impedir qualquer ponto de vista, sem impor uma versão única da história, sem construir uma narrativa a partir do lugar do colonizador humano.

Desde que Haraway passou a comparecer mais frequentemente em meus exercícios de imaginação política acadêmica, na ocasião em que me encontrava

realizando um processo de doutoramento em Barcelona (de 2008 a 2012), o Oncorotón[®] trabalhado no livro *Testigo_Modesto@Segundo_Milênio, HombreHembra@_Conoce_Oncorotón[®] - Feminismo y tecnociencia* (Haraway, 2011) me marcou profundamente.

Ele reapareceu em minhas afetações desde que vi a imagem embrião dos monstremas-texto e as imagens produzidas por IA, para o livro de Ângelo e Júlio. O Oncorotón[®], marca registrada, mais conhecido como o rato de Harvard, foi modificado geneticamente para desenvolver câncer mais rapidamente, com o objetivo de tentar produzir cura para a doença a partir estudos de laboratório.

Em tempos de crise ecológica, pós quase fim do mundo gerado pela pandemia de Covid 19, a urgência de novas epistemes gritam pelos olhos. Já não é possível deixar de tratar, e enfrentar, a violência colonial contida no ponto de vista científico.

Nesse sentido, os monstremas aparecem como oportunidade de enlaces, enredamentos, entre humanos, não humanos, pós humanos, como uma possibilidade de engendrar exercícios imaginativos de futuros possíveis, multiespécie, híbridos, que tenha algo de simbiose como motor da vida compartilhada.

Que a leitura e a visualização das imagens possam mover do lugar quem seguir apreciando as próximas páginas, seja qual for a direção que possam levar. Que os monstros que elas possam produzir em nós também tenham lugar, se não amados, ao menos possam nos alegrar, nos afetar de várias maneiras. Boa leitura/contemplação.

*Maristela de Melo Moraes –
Universidade Federal de Campina Grande
06 de Setembro de 2023.*

SUMÁRIO

Monstrema n.º grito, 24
Monstrema n.º Feridas, 25
Monstrema n.º catástrofe, 26
Monstrema n.º Rompantes, 27
Monstrema n.º dobre de finados, 28
Monstrema n.º Fio, 29
Monstrema n.º Boia, 30
Monstrema n.º cortisol, 31
Monstrema n.º yes sr, 32
Monstremas n.º ramos de plúmbeo, 33
Monstrema n.º de graça, 34
Monstrema n.º embarços, 35
Monstrema n.º pedregulho, 36
Monstrema n.º Valor, 37
Monstrema n.º mestre, inventor, diluidor, 38
Monstrema n.º topologias, 39
Monstrema n.º materialismo em fúria, 40
Monstrema n.º dilúvios, 41
Monstrema n.º custos divinos, 42
Monstrema n.º objetos teológicos, 43
Monstrema n.º motivacional, 44
Monstrema n.º eu em tu, 45
Monstrema n.º modernismo, 46
Monstrema n.º descuido, 47
Monstrema n.º Ontem, 48
Monstrema n.º Eventos Oficiais, 49
Monstrema n.º Sonâmbulos, 50
Monstrema n.º Trovadores de Bordel, 51
Monstrema n.º Play, 52
Monstrema n.º Vil Metal, 53
Monstrema n.º Modernagem, 54
Monstrema n.º Esfinge, 55
Monstrema n.º Do numérico que grita, 56
Monstrema n.º desespero metodológico, 57
Monstrema n.º Curiosidade, 58
Monstrema n.º 50, 59
Monstrema n.º iatrogênica?, 60
Monstrema n.º. Aprendi, agorinha, com o Fê, 61
Monstrema n.º cicatrizes psíquicas, 62
Monstrema n.º muleta, 63
Monstrema n.º confins, 64
Monstrema n.º amantes, 65
Monstrema n.º terreiro acadêmico, 66
Monstrema n.º Caiu? Morreu!, 67
Monstrema n.º fetiches inflamáveis, 68
Monstrema n.º princípio tardio, 69
Monstrema n.º sudestino, 70
Monstrema n.º celulose, 71
Monstrema n.º tréplica, 72
Monstrema n.º escambos pró-bióticos, 73
Monstrema n.º a dança antropofágica, 74

Monstrema n.º prato do dia, 75
Monstrema n.º aflição, 76
Monstrema n.º cretinos fundamentais, 77
Monstrema n.º alusão, 78
Monstrema n.º Adornos alegres, 79
Monstrema n.º As pálpebras são surdas, 80
Monstrema n.º Os miseráveis, 81
Monstrema n.º Mercados futuros, 82
Monstrema n.º desgraçados hediondos, 83
Monstrema n.º Abominável desprezo, 84
Monstrema n.º Evangelho, 85
Monstrema n.º Pesadelo, 86
Monstrema n.º Pálidos Caminhantes, 87
Mosntrema n.º Paralelos, 88
Monstrema n.º Penumbra, 89
Monstrema n.º Assombração, 90
Monstrema n.º Luzes da chuva, 91
Monstrema n.º cegueira cidadina, 92
Monstrema n.º Zombaria Universitária, 93
Monstrema n.º Amargura irrefreável, 94
Monstrema n.º massivo ócio, 95
Monstrema n.º Agradáveis tormentas, 96
Monstrema n.º Vacilo arrependimento, 97
Monstrema n.º Fadiga, 98
Monstrema n.º Desenhos matemáticos, 99
Monstrema n.º Veludo incipiente, 100
Monstrema n.º Vilipendiosa Ganância, 101
Monstrema n.º Paternidade, 102
Monstrema n.º Covardia, 103
Monstrema n.º Vermes, 104
Monstrema n.º Miserável pormenor, 105
Monstrema n.º Insurreição confusa, 106
Monstrema n.º Expertise, 107
Monstrema n.º Embalagem de Alma, 108
Monstrema n.º pacífico lar, 109
Monstrema n.º espantoso, 110
Monstrema n.º Vela votiva, 111
Monstrema n.º Frustração, 112
Monstrema n.º Financeirização, 113
Monstrema n.º Neoliberalismo, 114
Monstrema n.º Sangria, 115
Monstrema n.º Botox, 116
Monstrema n.º Brazil, 117
Monstrema n.º Proximidades, 118
Monstrema n.º Obsolescência, 119
Monstrema n.º Nômade, 120
Monstrema n.º Funerária, 121
Monstrema n.º Vento, 122
Monstrema n.º Globo, 123
Monstrema n.º Documentário, 124
Monstrema n.º Colisão, 125
Monstrema n.º Fé, 126
Monstrema n.º Revelações, 127

Monstrema n.º Victoria, 128
Monstrema n.º Poesia, 129
Monstrema n.º Escapismo, 130
Monstrema n.º Sons de cores, 131
Monstrema n.º Obstrusa força, 132
Monstrema n.º ousadia, 133
Monstrema n.º Sanha sede, 134
Monstrema n.º A saúde saúda a disciplina, 135
Monstrema n.º arrastão melancólico, 136
Monstrema n.º cérebros ressecados, 137
Monstrema n.º Soluções abafados, 138
Monstrema n.º Açougue, 139
Monstrema n.º Rádio Pan, 140
Monstrema n.º biothanatos, 141
Monstrema n.º passeatas granfinas, 142
Monstrema n.º Cativeiros de víveres, 143
Monstrema n.º nihil, 144
Monstrema n.º dissolvência, 145
Monstrema n.º testosterona, 146
Monstrema n.º intimação, 147
Monstrema n.º mobília mental, 148
Monstrema n.º transfigurações noturnas, 149
Monstrema n.º procrastinação, 150
Monstrema n.º Lacan, 151
Monstrema n.º povoados, 152
Monstrema n.º origami, 153
Monstrema n.º a roupa, 154
Monstrema n.º poema vil, 155
Monstrema n.º a chave, 156
Monstrema n.º conjuntos matemáticos, 157
Monstrema n.º ansiolíticos, 158
Monstrema n.º infecção, 159
Monstrema n.º Saúde Coletiva, 160
Monstrema n.º abnt, 161
Monstrema n.º Invidia, 162
Monstrema n.º Derradeiro, 163
Monstrema n.º vida conseguida, 164
Monstrema n.º criptônimos, 165
Monstrema n.º filhos de Frankenstein, 166
Monstrema n.º Plantas Alimentícias Não Convencionais, 167
Monstrema n.º centenária árvore, 168
Monstrema n.º a querela do diagnóstico, 169
Monstrema n.º Barros, 170

MONSTREMAS

Monstrema n.º grito

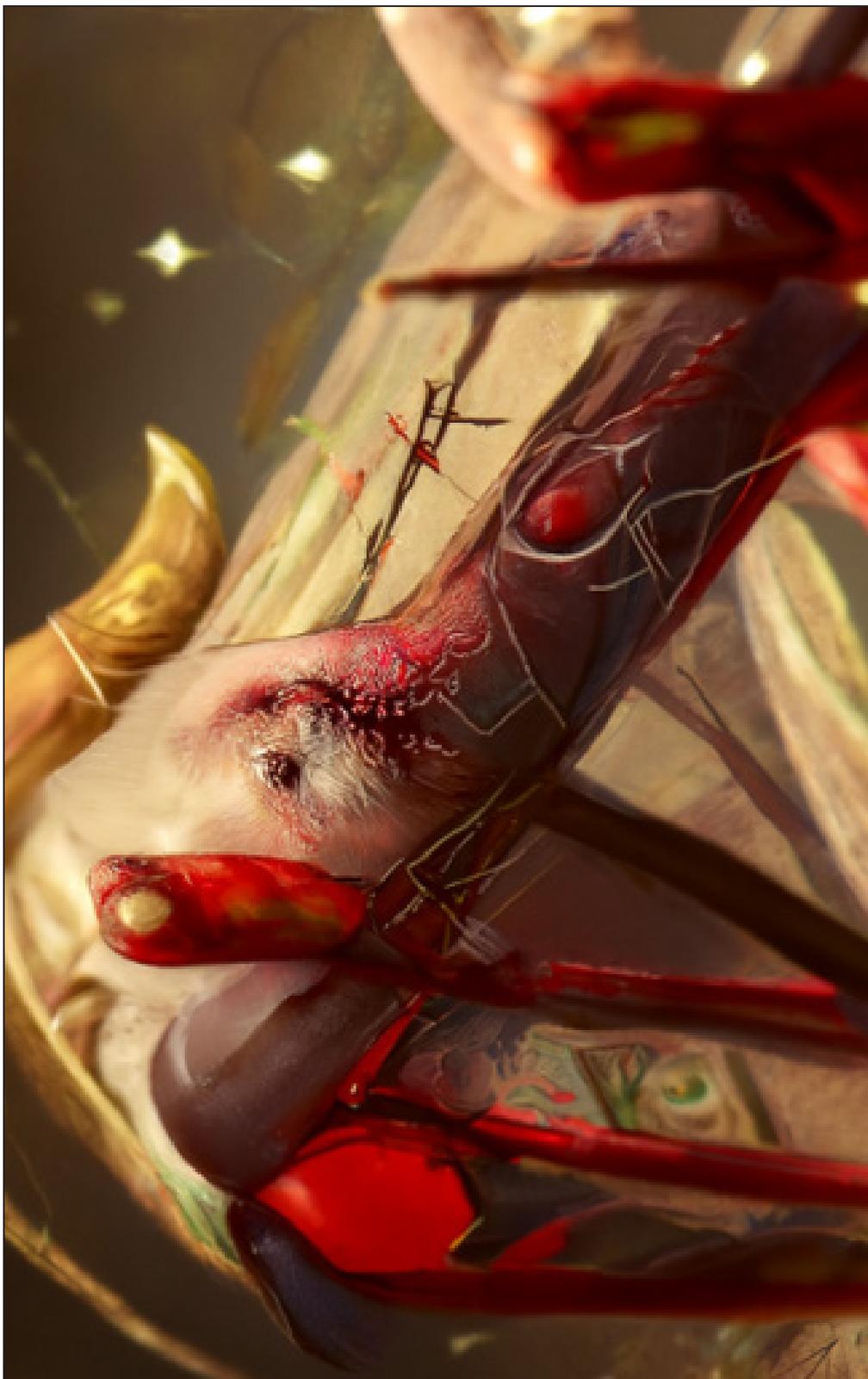
O que não se pode dizer, voa a galope, espalhando-se sob as asas de um cavalo do cão.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º feridas

No repasto a ambição é sempre um obstáculo às alegrias, principalmente, quando ulcera a vida com o remorso de súplicas infindas.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º catástrofe

Meu esforço é pensar sobre o princípio da ruína na hora do dismantelo, no ínfimo momento que posso me perguntar, com Barthes encarando o retrato de Lewis Payne: como dizer o que se escuta no instante que se ver? Eis os esforços genuínos de meus monstremas.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º rompantes

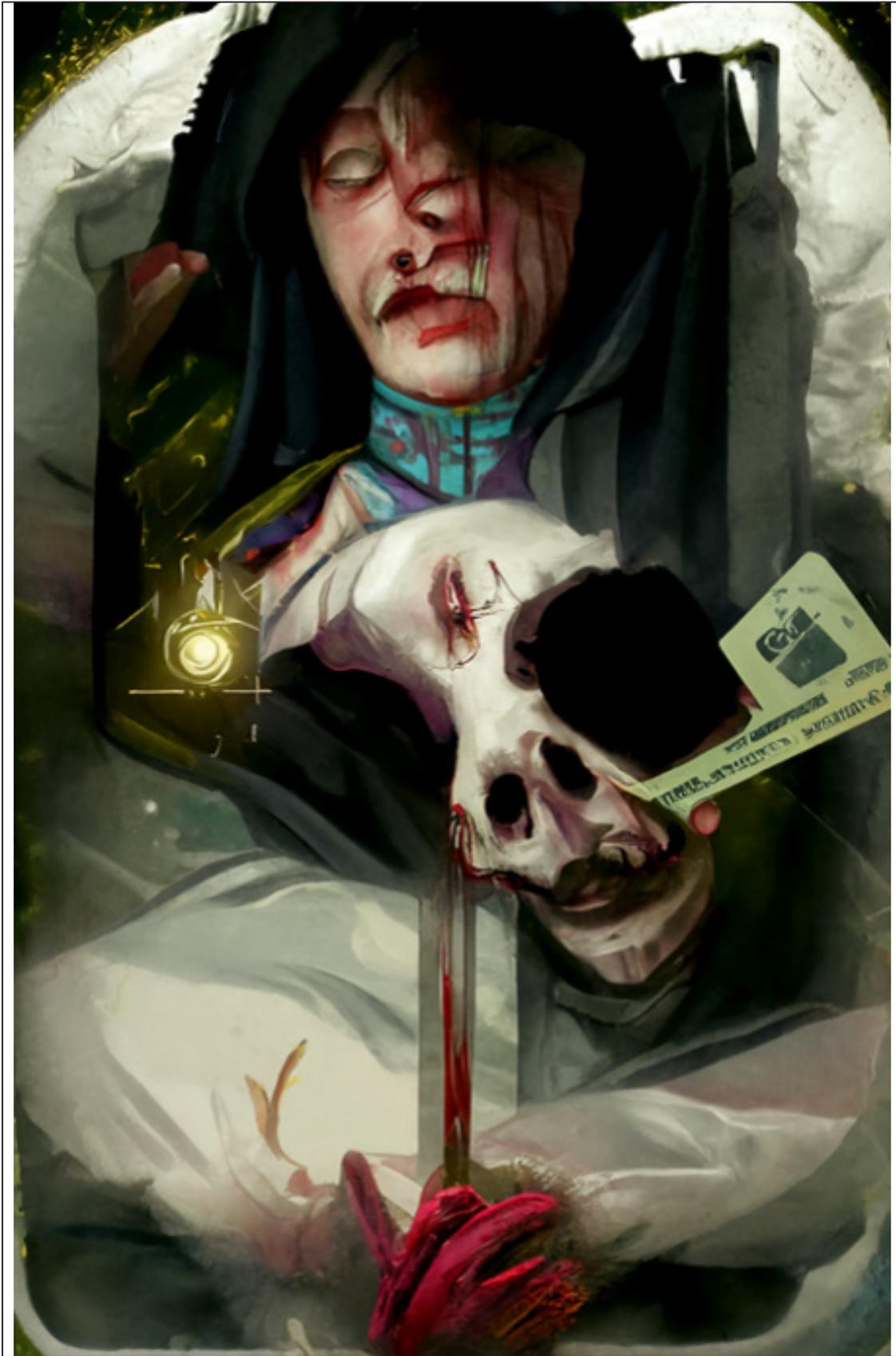
Para quem acabou de nascer, o cuidado é uma novidade aterrorizantemente reconfortante quando a agonia, até então desconhecida, passa a evocar nomes.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º dobre de finados

Quem se interessaria por um cadáver senão o matador que embolsa o pagamento.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º fio

A fome é uma tortura que faz a carne clamar à alma.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Boia

A desolação é uma agitação nervosa que a mais atenta vigília a converte em visão inflamada.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º cortisol

Em ambiência de mangue, escafandristas nadam nus.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º yes Sr.

A sombra que sobra de uma criatura leve pesa sobre aqueles que arrastam grillhões



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremas n.º ramos de plúmbeo

O chumbo que fez deitar a cadela proletária, aviva em seus olhos o reflexo da lua no mar grafite da caatina noturna, relevando o encanto sisudo do brilho prata que falta, fazendo berrar o homem



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º de graça

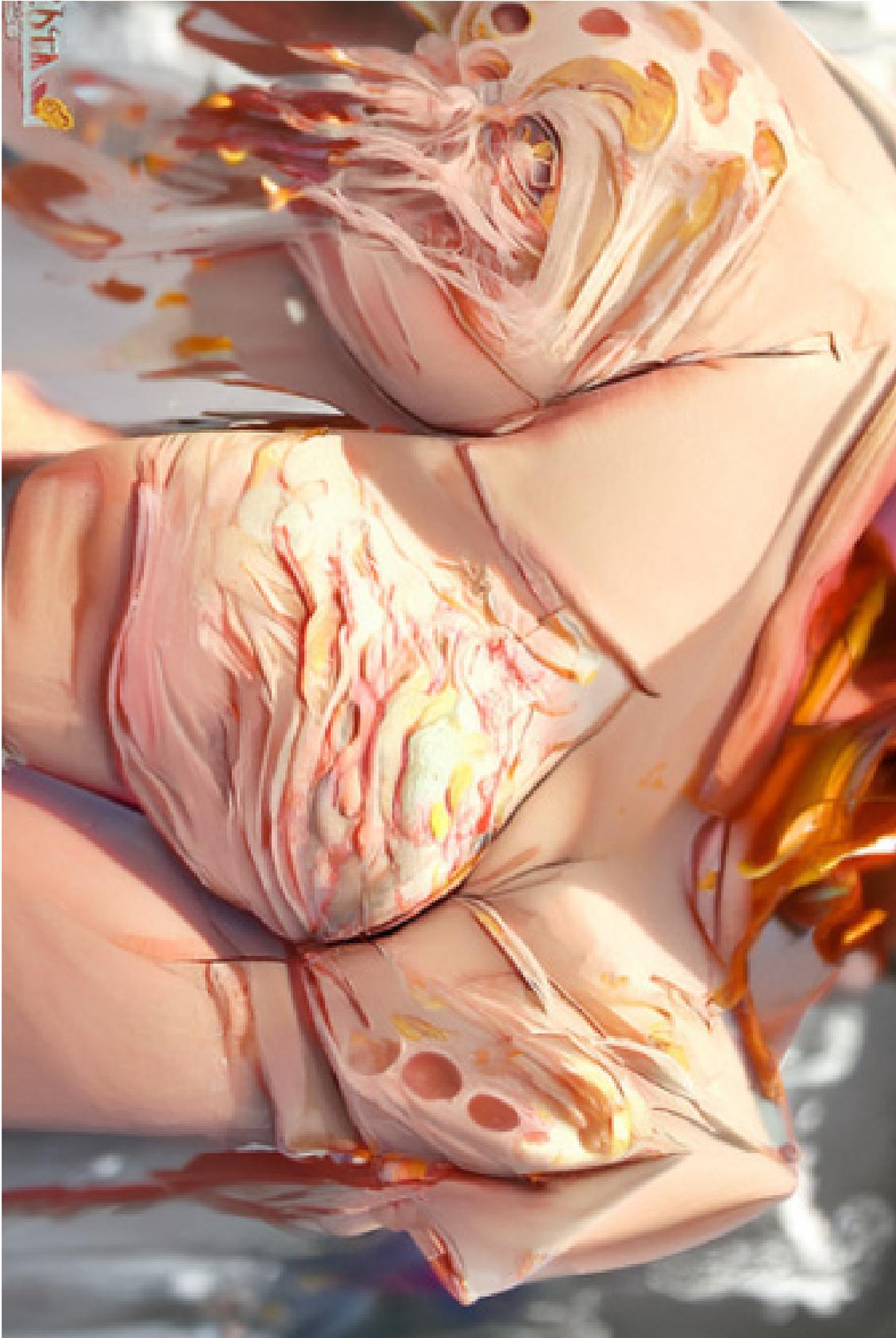
A dignidade que Graciliano dedica ao dever animal é capaz de constranger o mais terno dos homens.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º embaraços

Roupas são o que a multidão enxerga no corpo de outrem. Pele é o que coça quando o olhar chega ardente e roupas já não importam mais.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º pedregulho

A ignorância é feitiço bem arramado, pois, artifício poderoso capaz de sem saber porque fazer com que se obedeça àquele que sem saber porque manda.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremã n.º valor

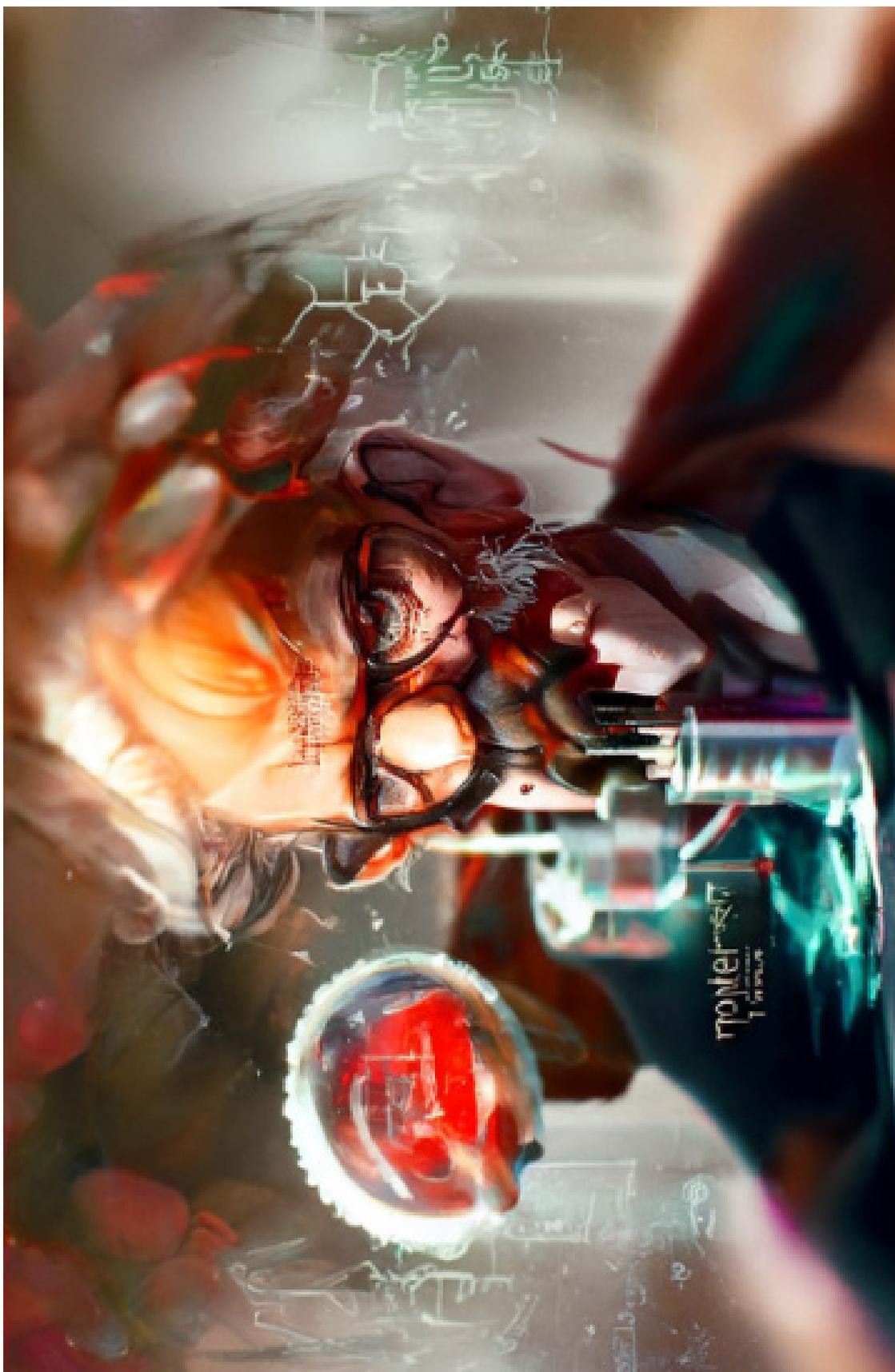
O corpo, não raro, é um descanso para palavras sacudidas pelas tormentas das paixões, achar o afeto que o albergue conforme sua necessidade é esforço que cabe à poesia de cada um.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º mestre, inventor, diluidor

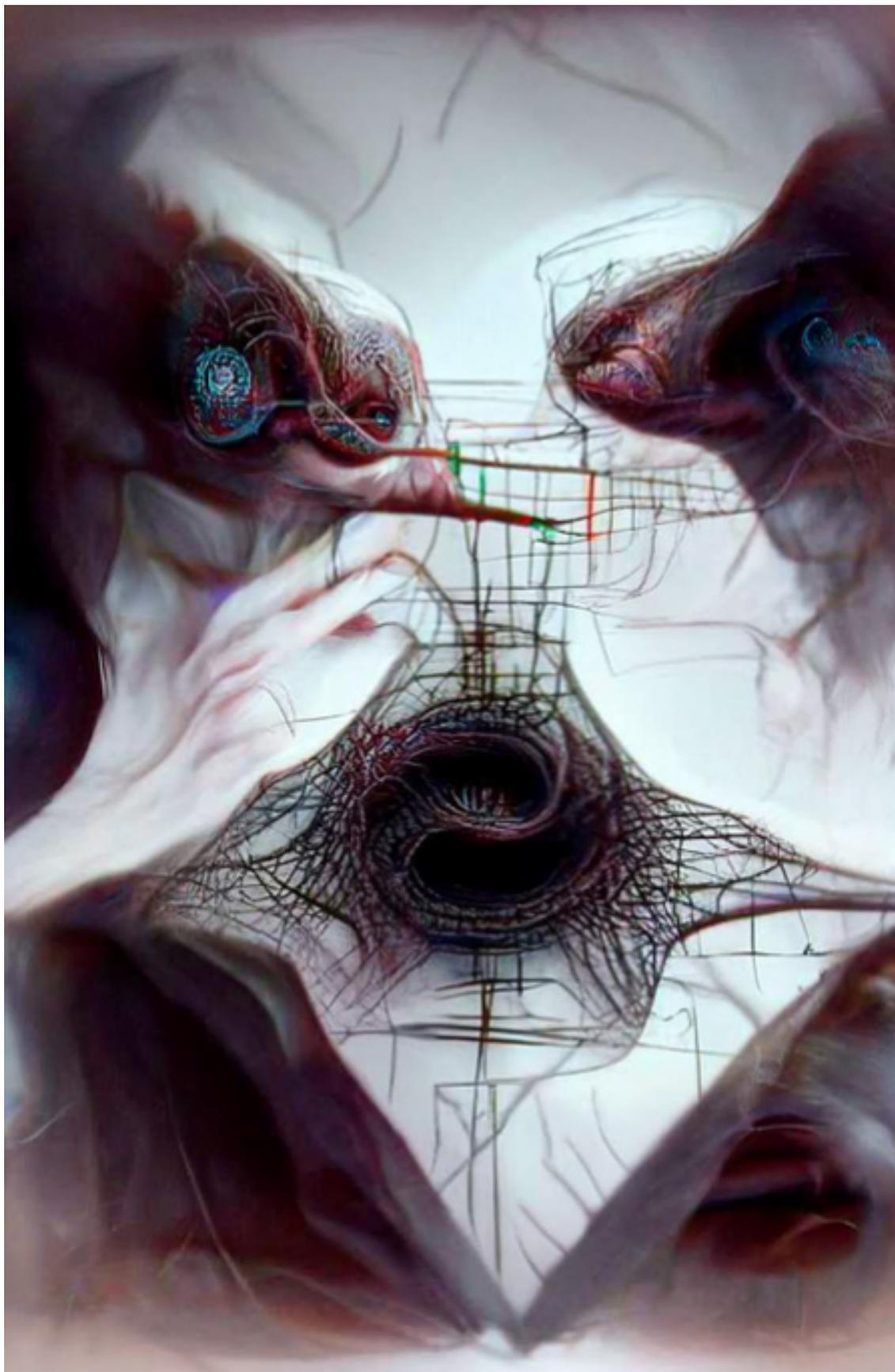
Fazer repetir não é o mesmo que fazer-se repetir, eis o que um cientista não suporta da psicanálise.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremas n.º topologias

A psicanálise jamais poderia ser uma ciência, seu amor a repetição jamais a permitiria tamanha asneira. Parece que só ao cientista é permitido ouvir isso.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º materialismo em fúria

Assombrar a opulência do nosso tempo é tarefa que desafia até o mais falso dos crentes.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremas n.º dilúvios

No Brasil não há conceito proclamado que não tenha sido proferido por um oficial colonial.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremas n.º custos divinos

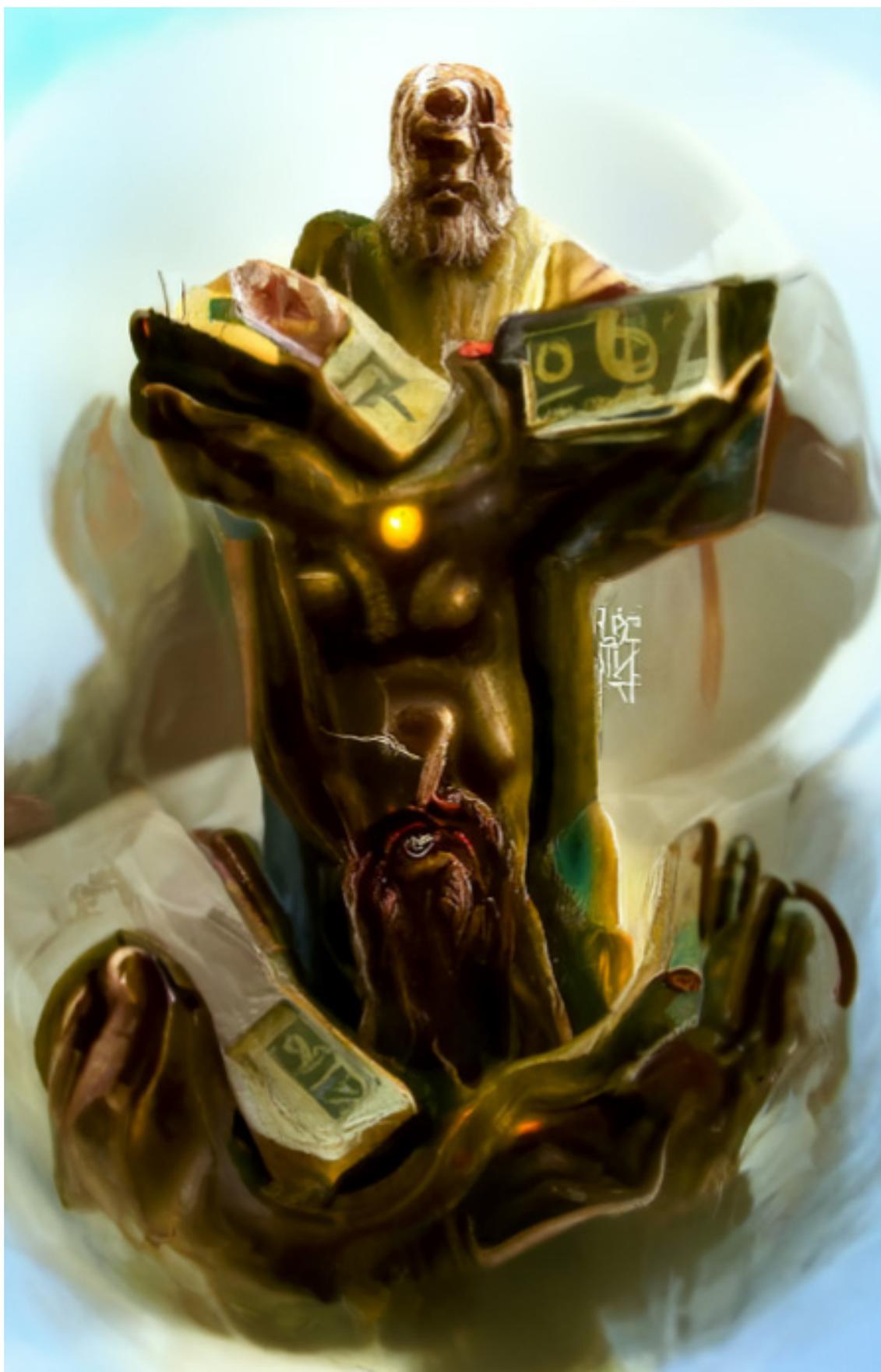
À matemática teológica da racionalidade coube apenas a razão econômica ocidental dos espólios.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º objetos teológicos

Deus que se sujeita a intermediários, compromete-se com propina.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º motivacional

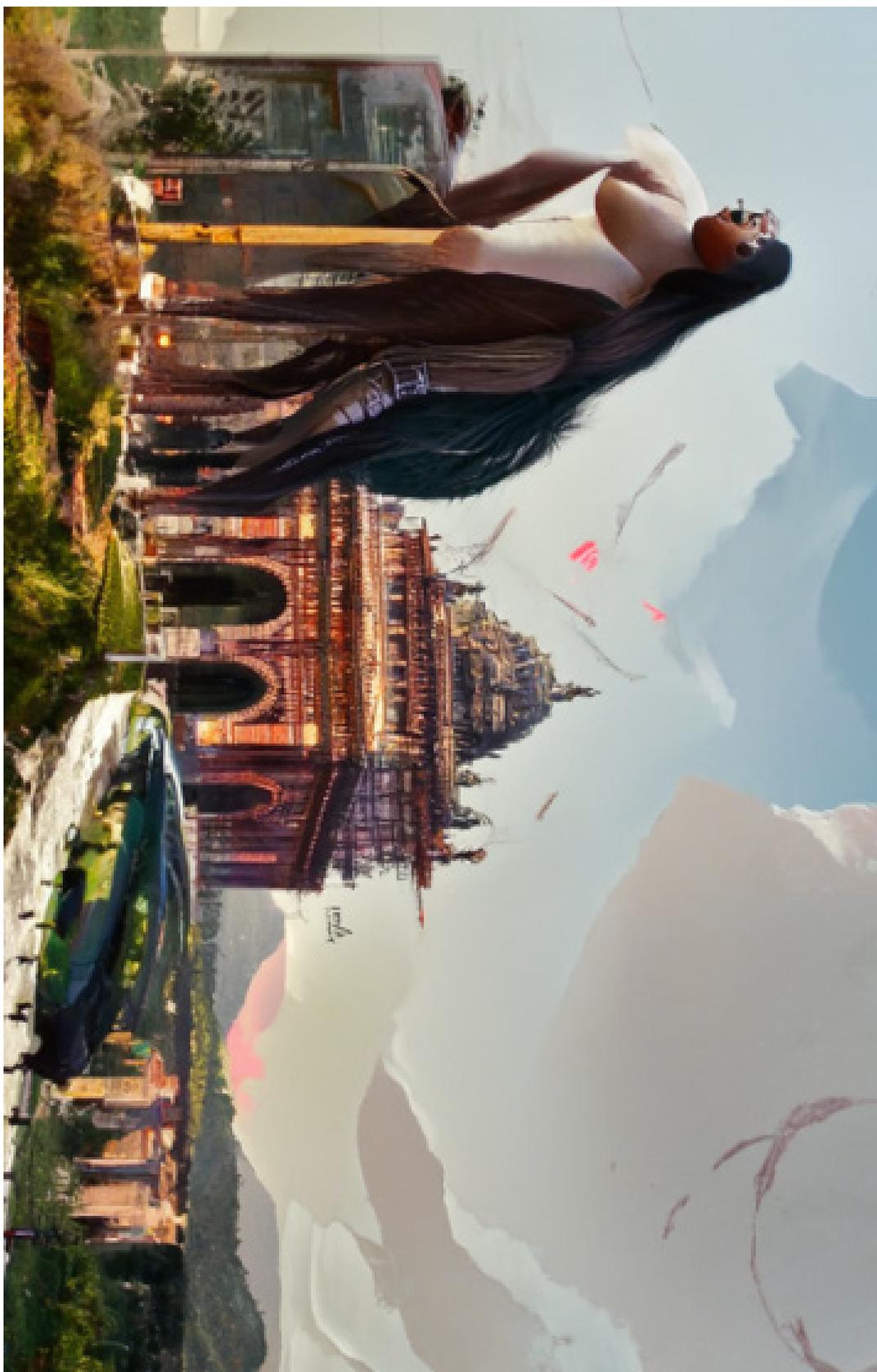
Nada mais eficaz e eficiente à dominação do que desorientar o nativo em sua própria língua.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º eu em tu

Instaurar no cerne da beleza do índio a tristeza de uma puta bêbada, não é o maior triunfo dos projetos civilizatórios?



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema nº modernismo

Apocalipse de letras e sonhos.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º descuido

O destemor sem medida é a temeridade de uma alegria de mãos dadas a perversa companhia.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º ontem

Estilizar é deformar o que não se conhece, crendo com isso poder, agora, estranhamente, desconhecê-lo.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º eventos oficiais

Aprendi com Dalí que ignorar completamente o que se faz não redime o glutton saber a importância do que come, pois, no arrepio dos cinco sentidos, odores exalam o que se cria escondido.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º sonâmbulos

Nada melhor do que um pesadelo para acordar um idiota que sonha.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º trovadores de bordel

O mercado financeiro é realmente a igreja universal por excelência. Lá, livre e desimpedido, o cidadão de bem, defensor da pátria e da família, se acaba com tanta usura, assim morre, mas, dentro da lei.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º play

O Outro é sebo em escorrego de parquinho, ajuda muito na descida, mas, pela metáfora nos fundos, entrega o real de todo aventureiro destemido.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º vil metal

Capitalizada a carne, a usura virou regra, Deus, seu maior usurário, finge chorar.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremã n.º modernagem

Errante convicto é presunção de quem sabe exatamente onde ir.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

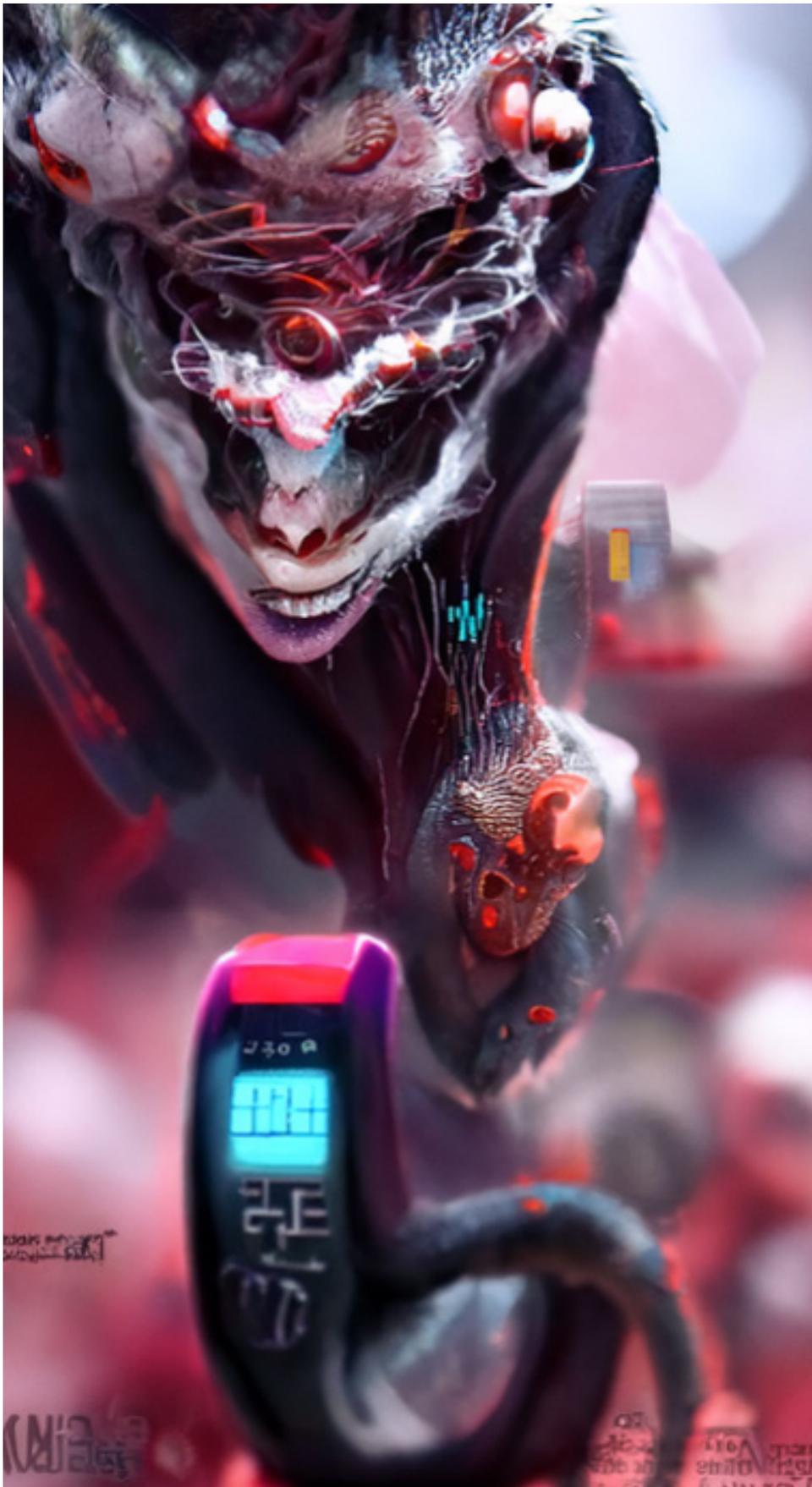
Monstrema n.º esfinge

Não há mais doentes, mas, apenas vivos ou mortos. Agora, o que será de ti?



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º do numérico que grita
A tecnologia prepara-se para contar até três. Prepare-se!



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremat n.º desespero metodológico

Não leve muito sério a regras da abnt, na quietude de uma estante, a escrita do seu trabalho acadêmico, se não está hoje de acordo com as normas, fique tranquilo, a lógica da roleta ensina que mais cedo ou mais tarde, a casa irá ceder para que você continue na mesa.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremat n.º curiosidade

Não é interessante que Edith Piaf seja capaz de dizer mais sobre o Brasil do que Luiz Gonzaga?



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º 50

Daqui a vida parece, inequivocamente, um acontecimento estranho. Seria realmente uma piada?

Terei eu tempo suficiente para descobrir que é?



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrematéria n.º iatrogênica?

*Eu estava triste, muito triste, muito triste mesmo. Li Schopenhauer...
fiquei mais triste ainda, só que agora posso rir de minha tristeza.*



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema nº. aprendi, agorinha, com o Fê

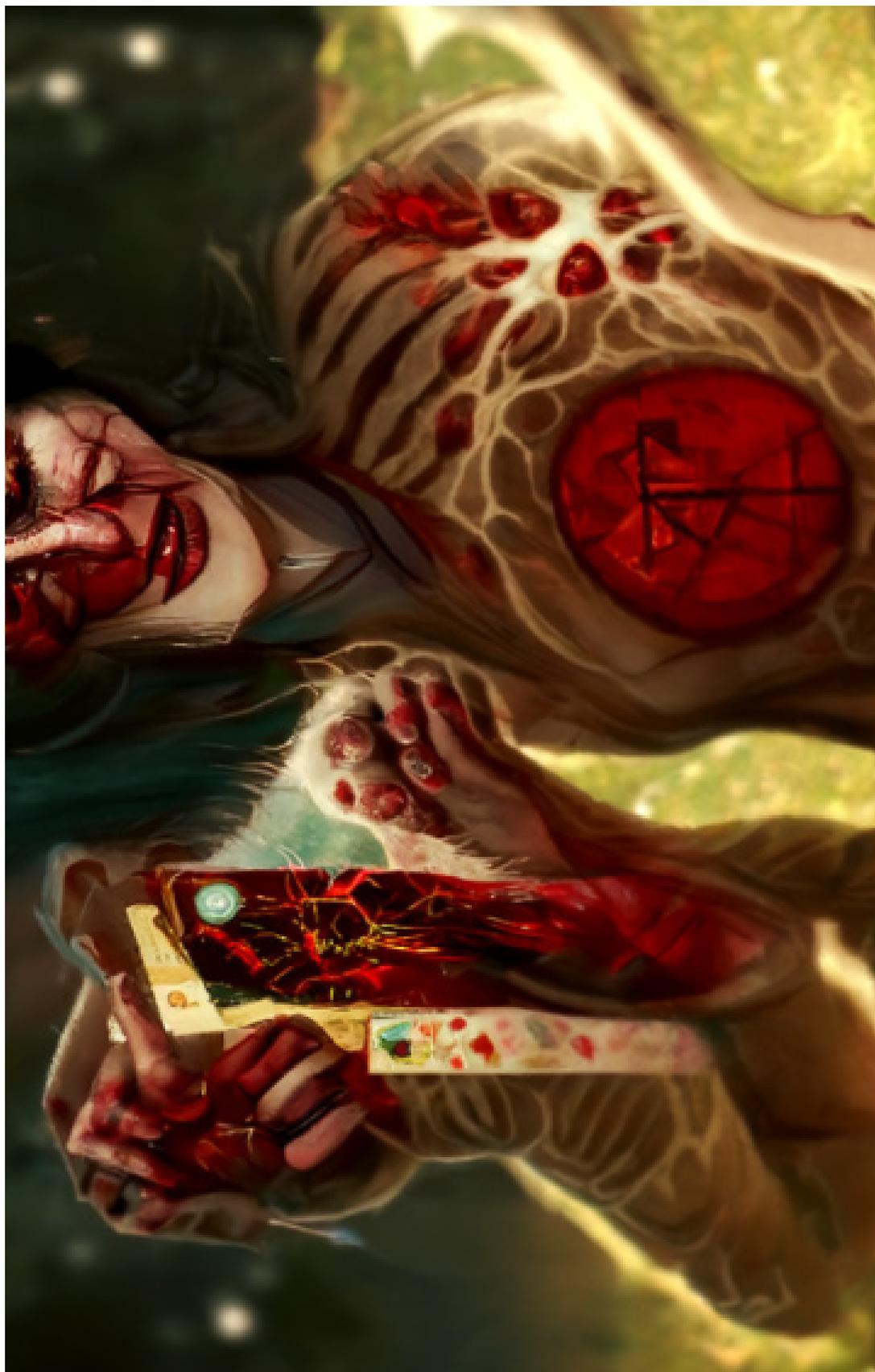
Quando cessa as letras o corpo imita as coisas.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º cicatrizes psíquicas

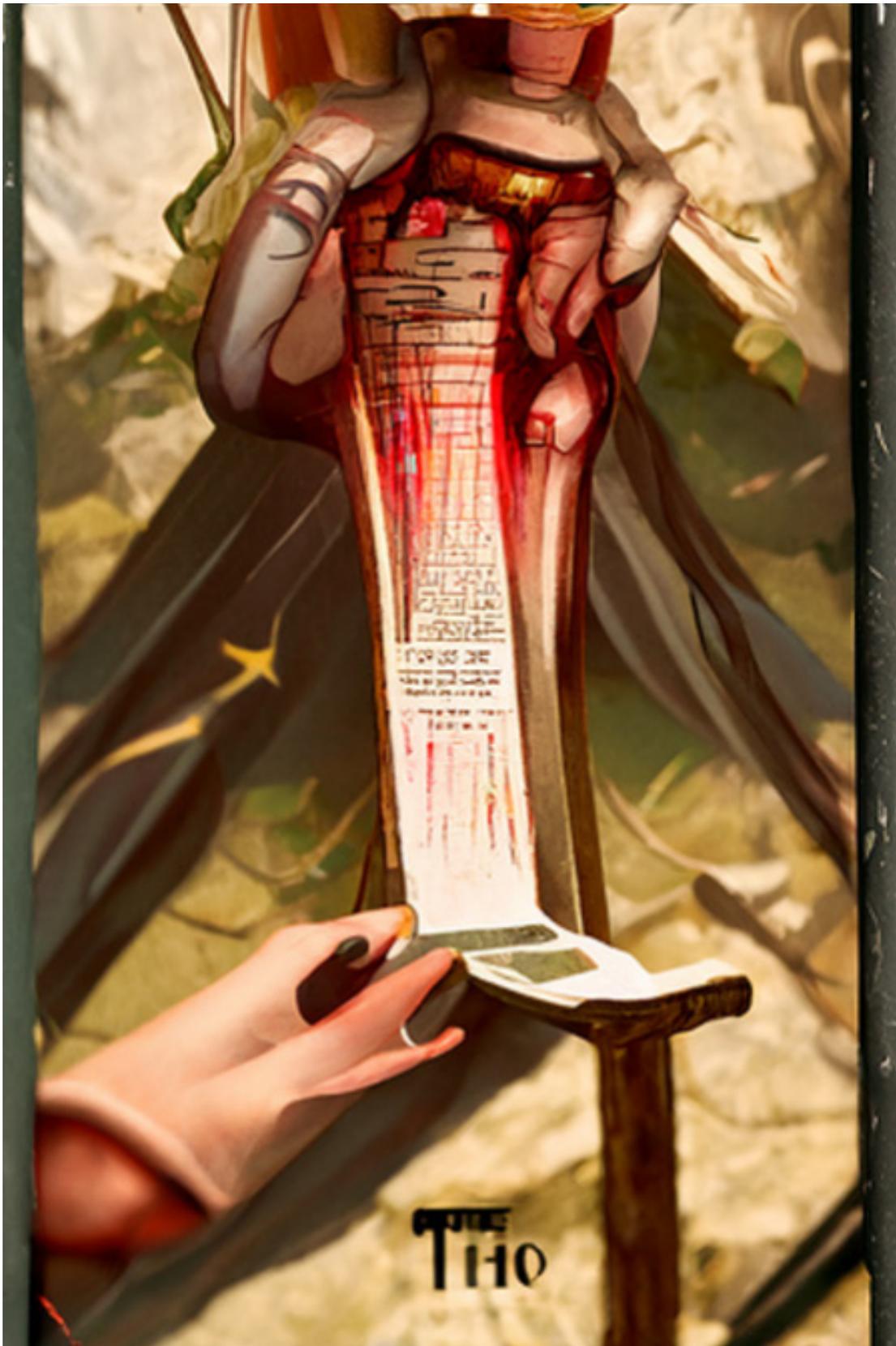
A ciência é composta por inúmeros desempenhos acrobáticos que de uma contorção retórica à outra, fazem das verdades que a move o mais candente protesto de virilidades.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º muleta

*O texto é uma prótese que se usa para endereçar ao outro o que em determinados contextos pode ser dito.
O texto é uma moleta que me tritura.*



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º confins

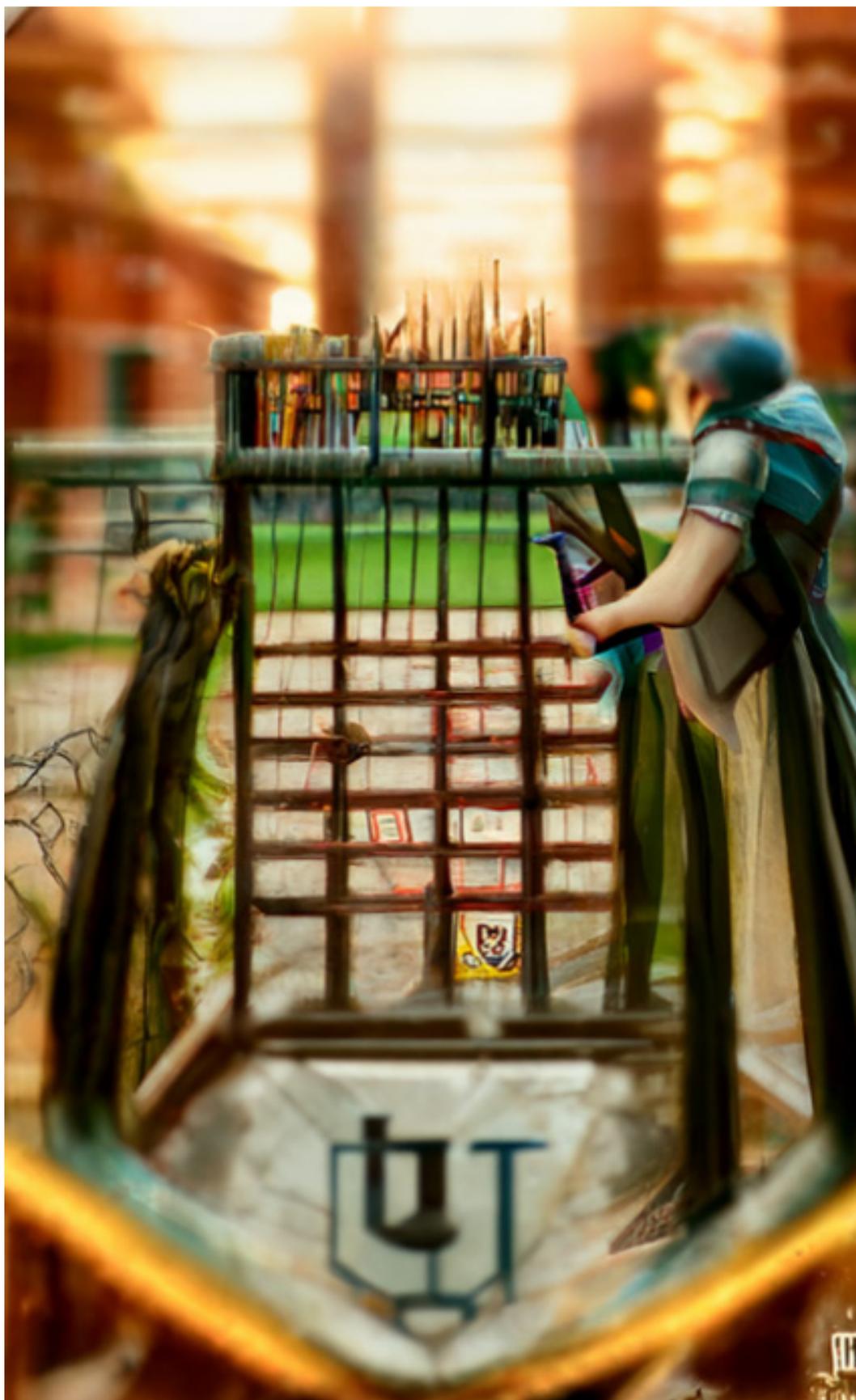
A pandemia tornou fácil ao homem compreender que lavar pratos, roupa, chão e banheiro, mesa posta e comida fresca é o trabalho mais importante no seio familiar. Por outro lado, às mulheres que não puderam ser confinadas confirmou-se que tudo isso não passa de obrigação cotidiana. Agora nos cabe tirar disso consequências para o ensinamento doméstico por vir: quanto custa tantos esforços?



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º amantes

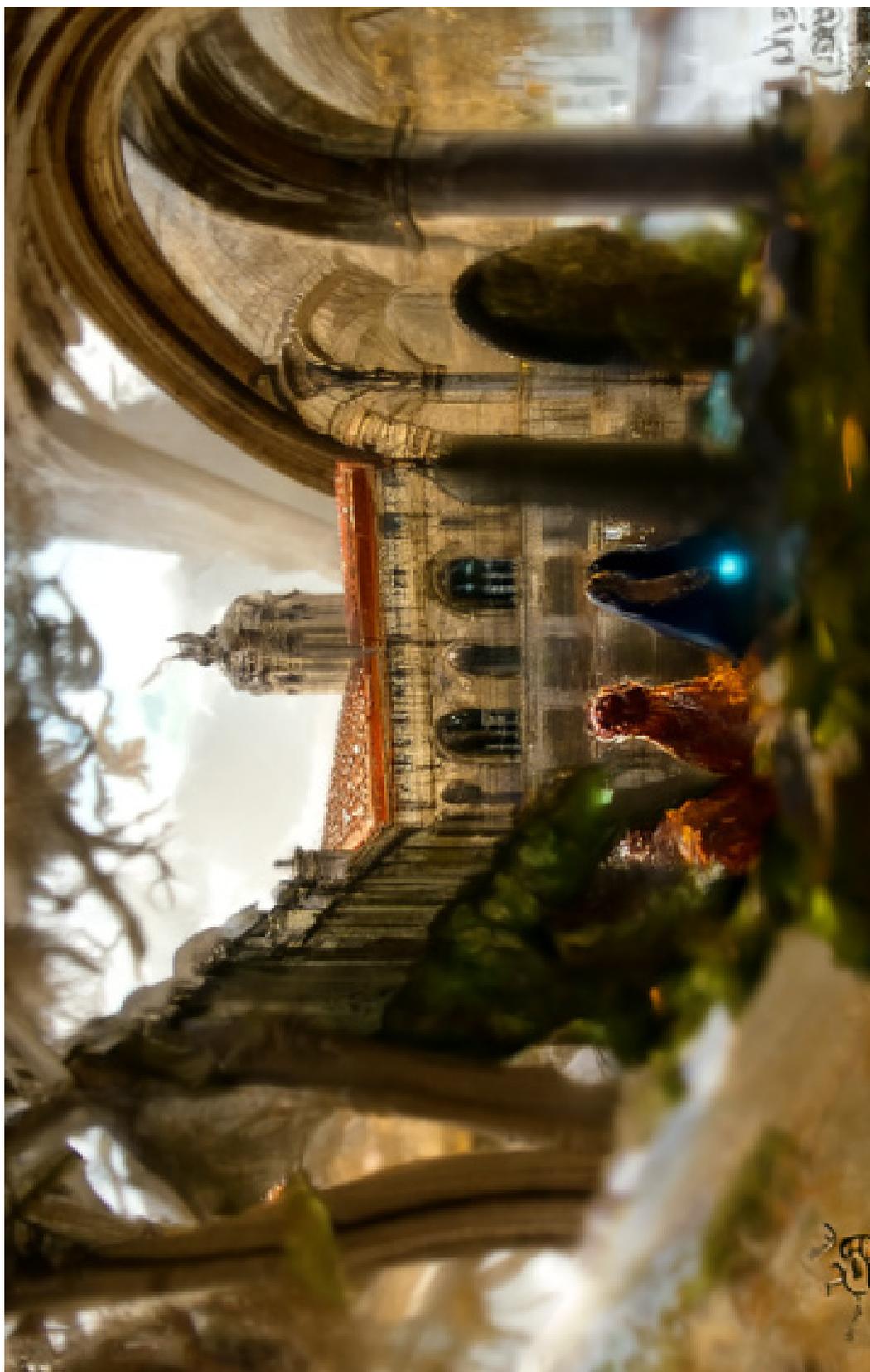
A universidade demarca perímetro no qual a única função que cabe ao leitor é pular as cercas.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º terreiro acadêmico

Diante dos lindos deuses franceses, obsessores dos mais temerários, abriga em claustros medievos, nossas originárias almas.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º caiu? Morreu!

Conforme definiram os soviéticos, o intelectual é aquele que por não saber muito bem o que fazer com as mãos, acabam frustrando a existência da vida nova.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º fetiches inflamáveis

Uma estante de livros que nunca foram abertos. Uma estante de livros lidos. Uma estante ardendo.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º princípio tardio

É sob o uniforme mais íntimo que guardamos o produto das experiências primeiras, nesse repositório, joias de família dividem espaço com montanhas de detritos memoriais. O corpo é ao mesmo tempo relicário e latrina de nossa história.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º sudestino

O brasileiro padrão é uma entidade que sofre da mais crônica dificuldade de habitar em meio ao seu próprio povo.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremata n.º celulose

Livros são bens domésticos com os quais as línguas menos afoitas se enrolam para se fazerem mais ferinas.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º tréplica

Ante ao clamor por resposta, a psicanálise dedica-se ao esforço de elaborar boas perguntas.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º escambos pró-bióticos

Esvaziar o valor da moeda é inflacionar a vida. Operação urgente, urgentíssima, à economia da alegria.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º a dança antropofágica

Não falo de quem comi, falo com meu mulambo de língua parálitica sobre quem desejo comer...



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º prato do dia

No academicismo à la carte consumido no Brasil, o exercício antropofágico só reflete a covardia nos comentários do chef.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º aflição

Trabalhou a vida toda para sustentar a família. Sacrificou relações familiares para poder continuar trabalhando. Nesses últimos tempos, trabalha apenas para trabalhar. Agora, vividamente, mas do que nunca, crer que só o trabalho o libertará.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º cretinos fundamentais

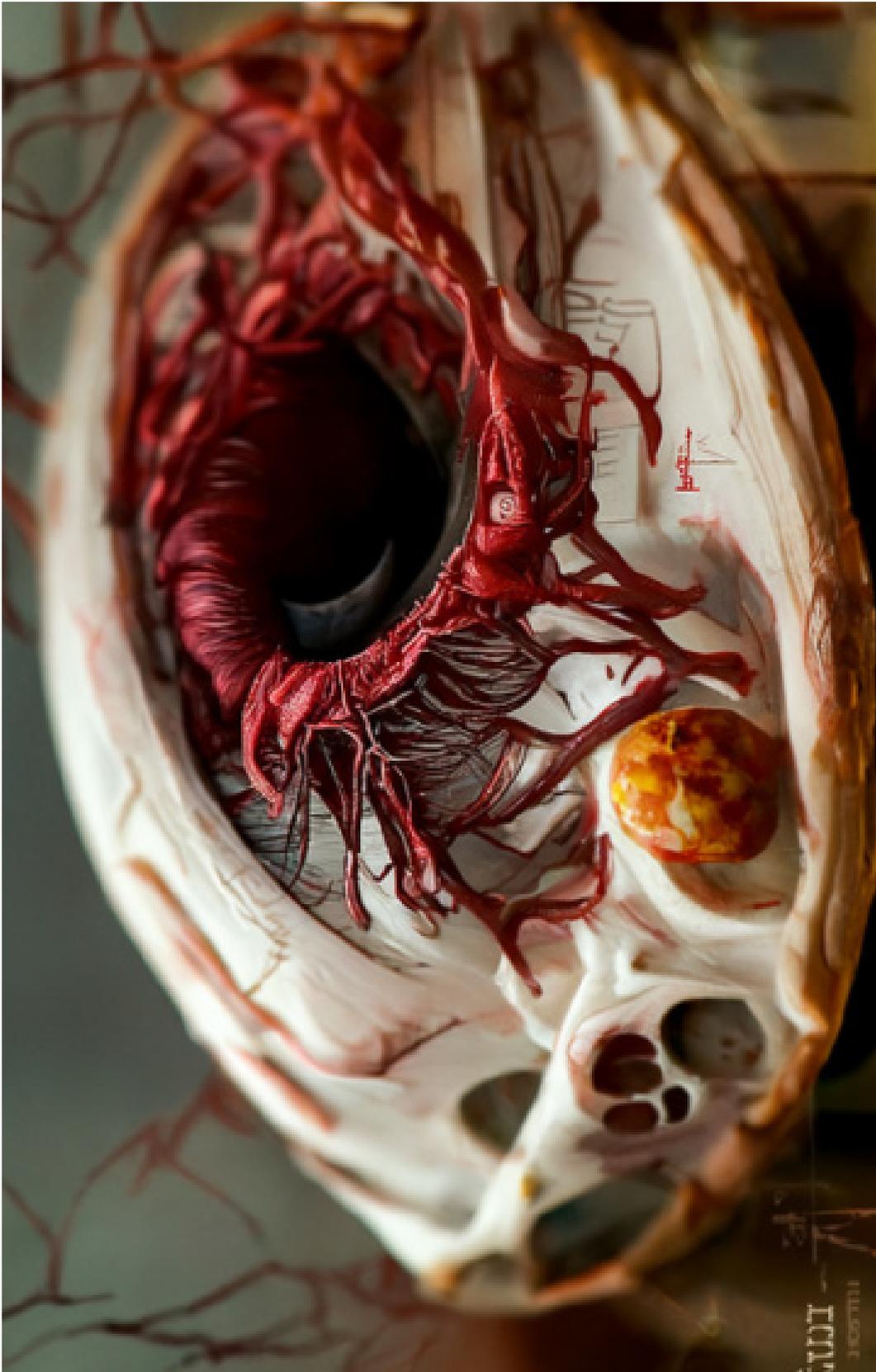
O amor debocha da educação sexual. Tripudiando dos corpos domésticos, os educam em sua intimidade.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremas n.º alusão

A anatomia é o que o olho pede à carcaça para dar-lhes de volta a escuridão de seu globo.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Adornos alegres

Mesmo nas condições mais adversas, contra toda prova em contrário, o nascimento é um evento que pode nos ensinar que, sob as condições de inutilidade e solidão, sempre advirá com o novo, o triunfo de uma pulsão surpreendente.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º as pálpebras são surdas

Quando a língua migra para o papel, deixa em seus rastros o horror que atormenta a fala. Cerceada da ressonância ao ar livre, seus gritos são abafados pela acústica das folhas que a aprisiona. No olhar de quem a ler reflete-se a sofreguidão de sua indelével condição de silêncios.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremas n.º Os miseráveis

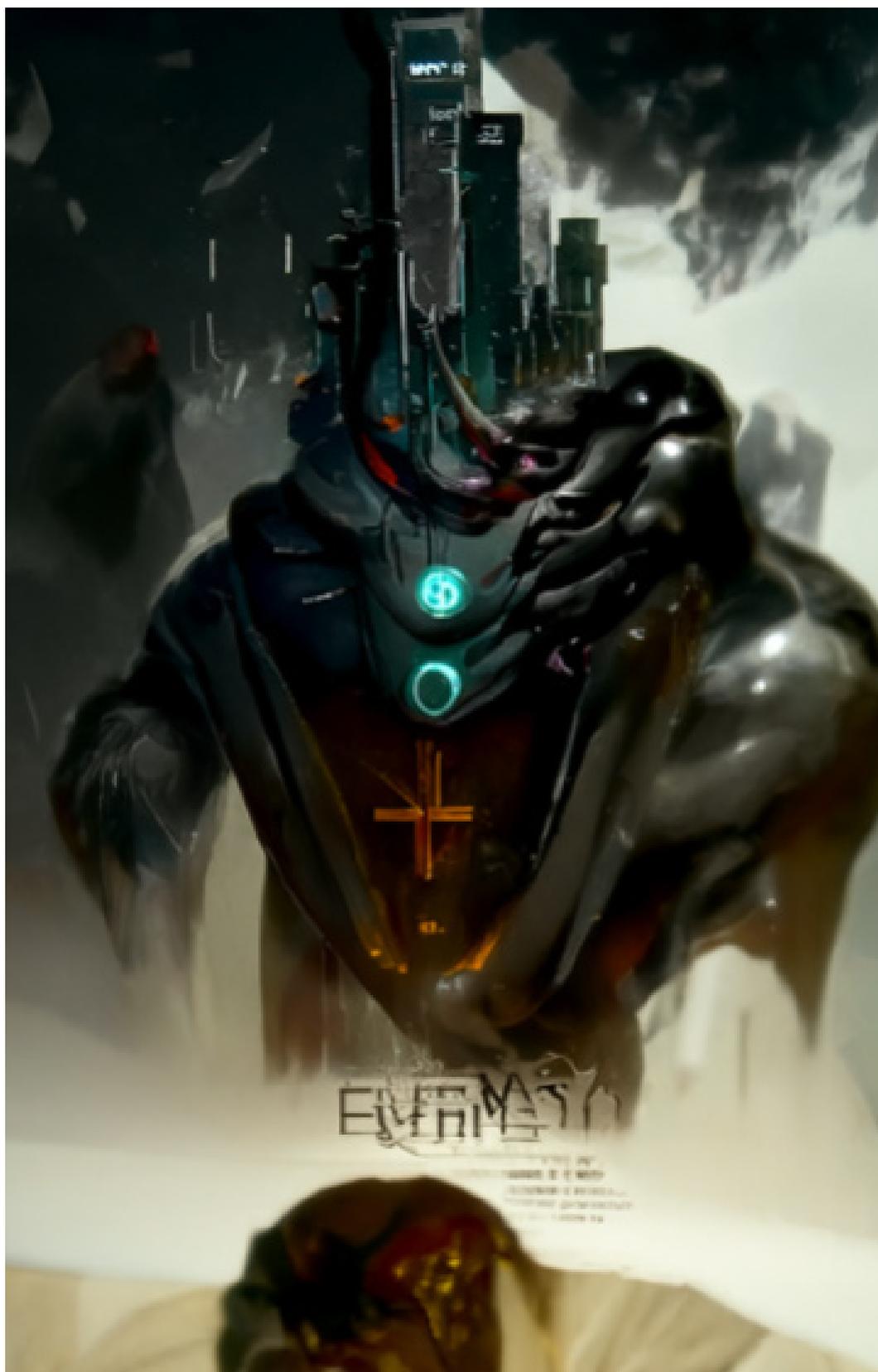
As deformidades em um corpo espelham quem o mira, eis o efeito fatal da pulsão escópica que nos faz encarar a verdade de nós mesmos.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º mercados futuros

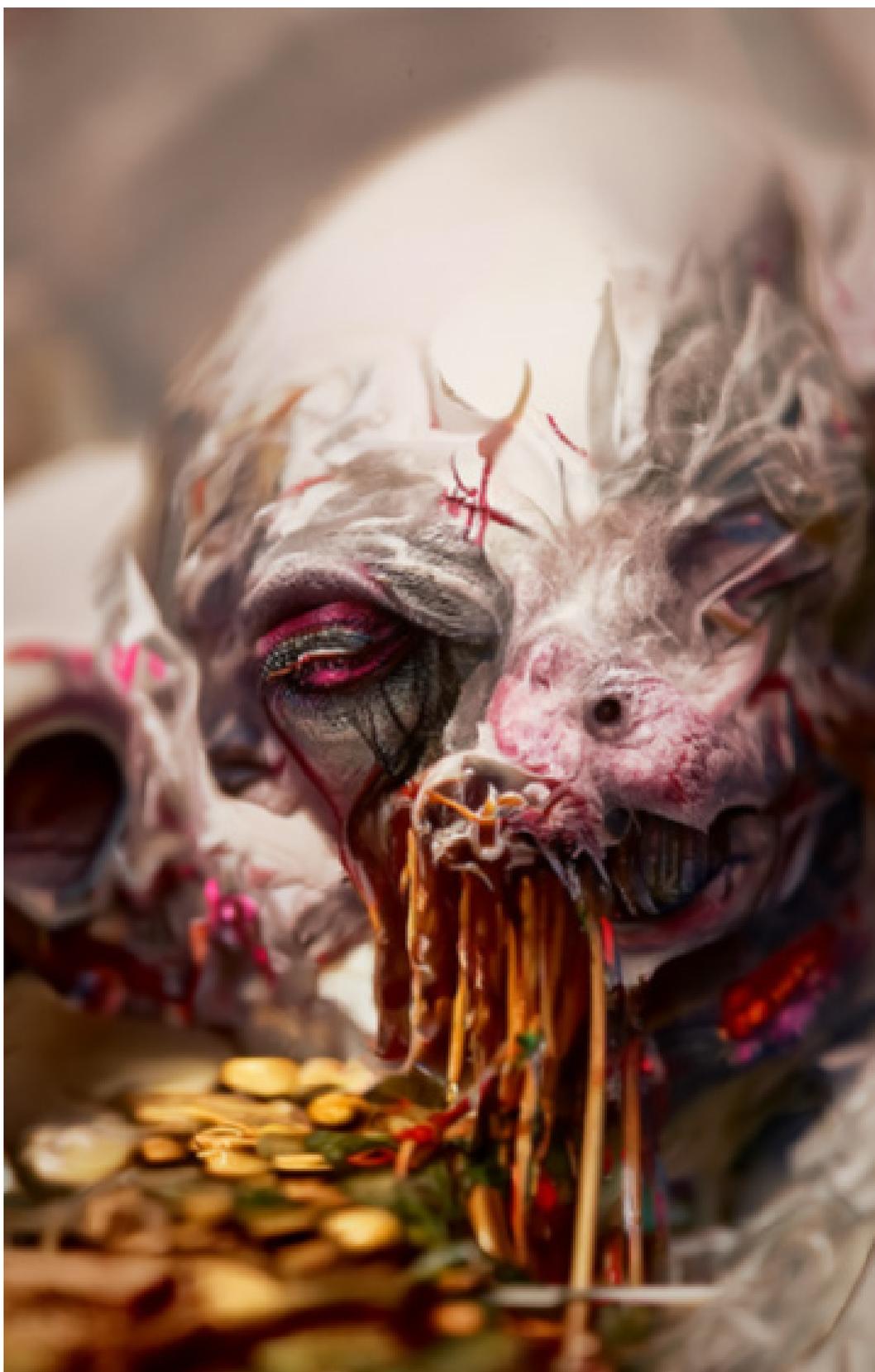
A inveja fez do homem um deus que, como o primeiro, morrerá por isso.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º desgraçados hediondos

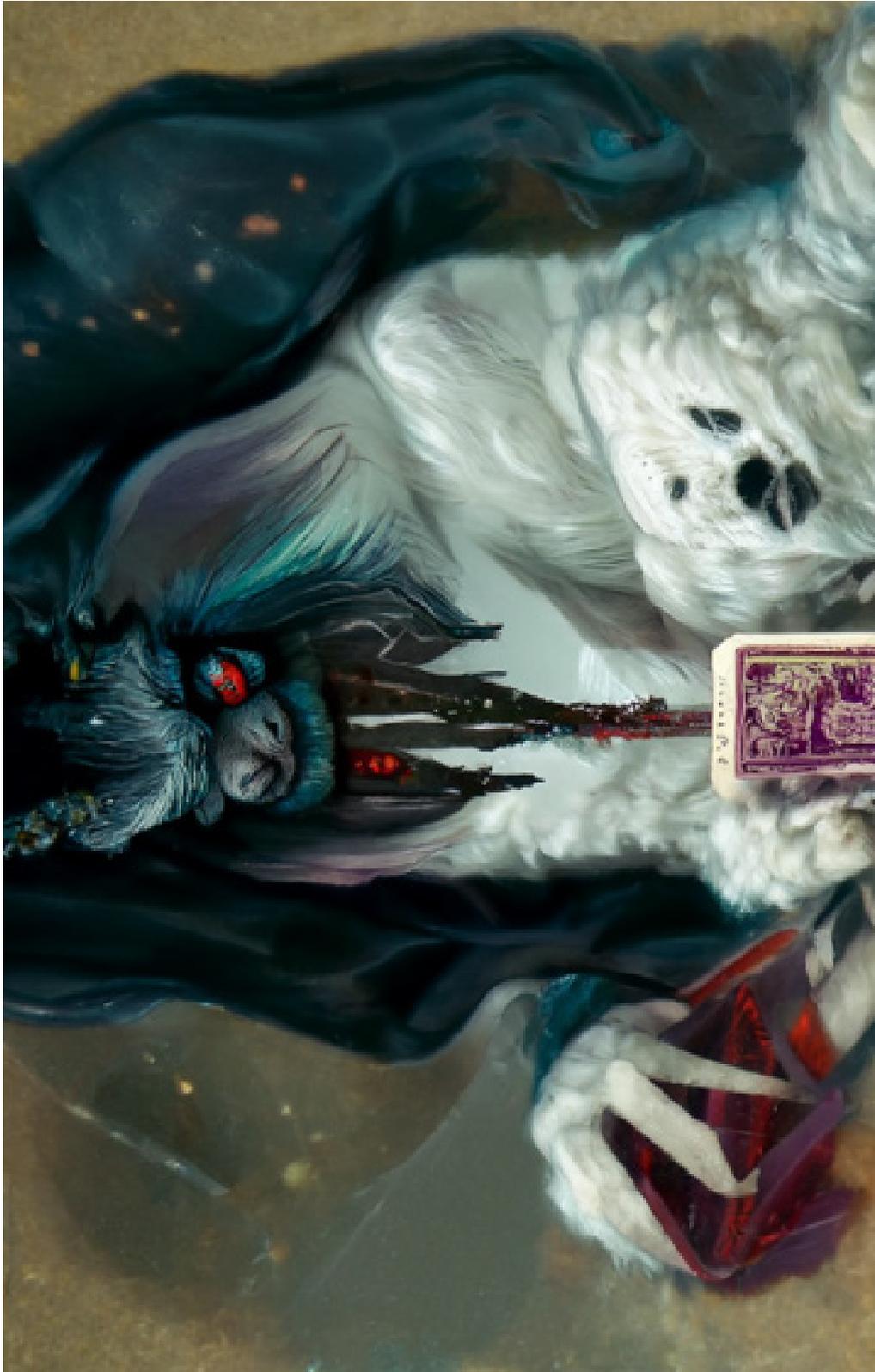
O apetite pela morte, só não é maior que a fome por dinheiro. Para que seja saciada a fome, avança-se saciando o primeiro.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º abominável desprezo

A imponência que Cabral de Melo Neto tẽ riscar-se nos exíguos leitos escavados em imenso latifúndio, contrasta com a total e absoluta ausência de nuvens, pálpebras convenientes, às quais o grande olho flamejante, em sua impotência narcísica, não podendo por hora a elas recorrer, desavergonhadamente apressa-se em dar lugar à noite.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º evangelho

O terrível e majestoso desejo que diante da fome e da sede, encara a vida como como mera solenidade.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Pesadelo

O esquecimento é um abraço que começa forte, mas, se se prolonga, revela a fragilidade dos sonhos inconfesos.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremas n.º pálidos caminhantes

O medo circunscreve mundos nos quais o desespero sonha caminhar de mãos dadas com a própria alegria.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º paralelos

Carnificina e tragédia são manifestações de classe média pobre e apavorada que agradece a Deus por mais um bode expiatório. Logo, o Brasil jamais foi colonizado por franceses. Ou foi?



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º penumbra

Quando o céu em ira encara a terra, as nuvens são iluminadas de cima a baixo e de baixo para cima.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º assombração

Em Recife um trovão é canto fúnebre que em Caruaru faz despertar até os mortos.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º luzes da chuva

Quando o céu entra em guerra os favelados descem boiando.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º cegueira cidadina

O céu estrelado, assim como os fantásticos seres que de dentro das nuvens são revelados pelos relâmpagos, foram eletrocutados no apagar da última lamparina.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º zombaria universitária

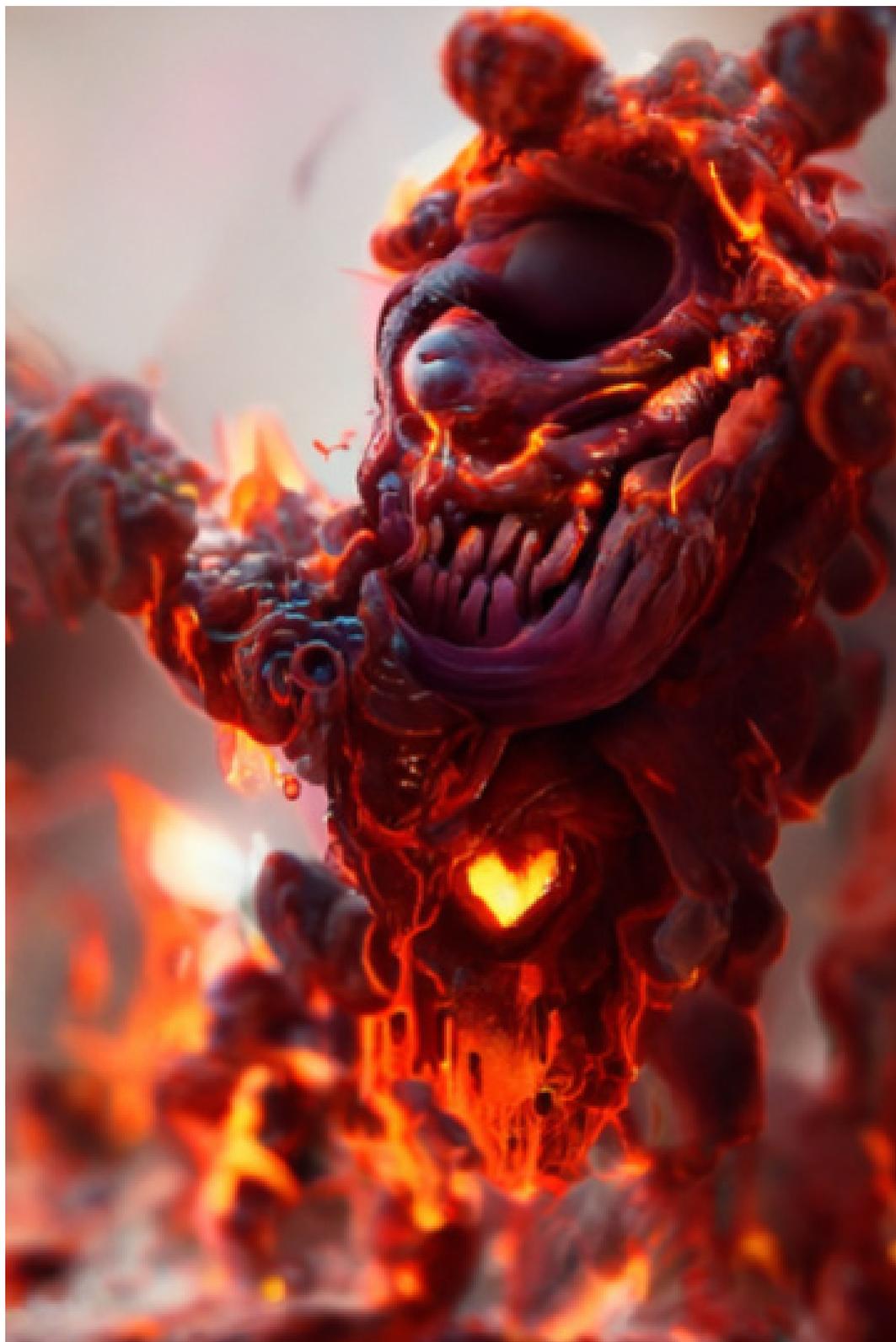
Nativo é quem arrasta com leveza o peso da ignorância de um turista.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º amargura irrefreável

A careta acompanha a fornalha onde corações em chamas abrem-se como fractais de agonia e ódio.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º massivo ócio

O maçante na política é que ela nunca dorme. O que é consolo para alguns, torna-se o grande alívio para outros.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º agradáveis tormentas

A exibição da dor extrai do corpo sensações e segredos que a mais radical ignorância não consegue ocultar.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Vacilo arrependimento

Nas proximidades de tempo frio, o inferno pleno em chamas clama ao degelo das almas.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º fadiga

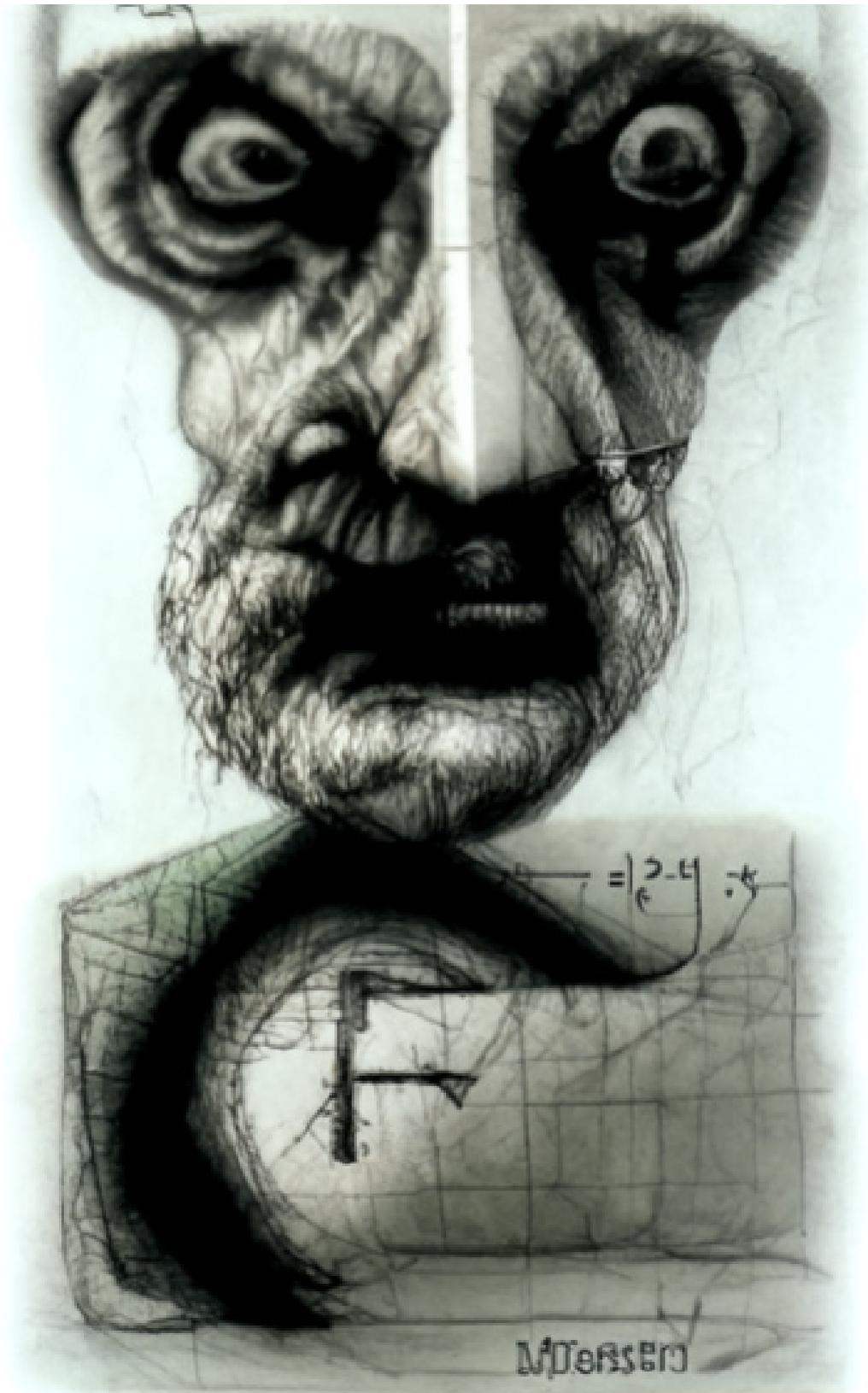
Exaurido de sua força e beleza um degradado corpo só pode exigir restauro. Se lhes faltam às condições da potência vontade, é porque a alegria já testemunha festas em confrarias de vermes que já herdaram de olhos moribundos, o encanto da vida.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrem n.º desenhos matemáticos

Enfrentar inconveniências é o destino que na transferência coube a Ferenczi revelar a Freud, quando este, ao analisante, o apontava como fatalidade.



Monstrema n.º veludo incipiente

O medo é uma doença que só a alegria pode curá-la.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º vilipendiosa ganância

A miserabilidade constitutiva do humano é catastrófica.



[VOLTAR PARA SUMÁRIO](#)

Monstrema n.º paternidade
Uma vã esperança cultivada pela gratidão.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º covardia

O que costumamos chamar de povo, não é nada mais, nem nada menos do que o furacão que em nós encontra-se constringido por nossos descuidos.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º vermes

Os últimos dos herdeiros são os primeiros a chegarem.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º miserável pormenor

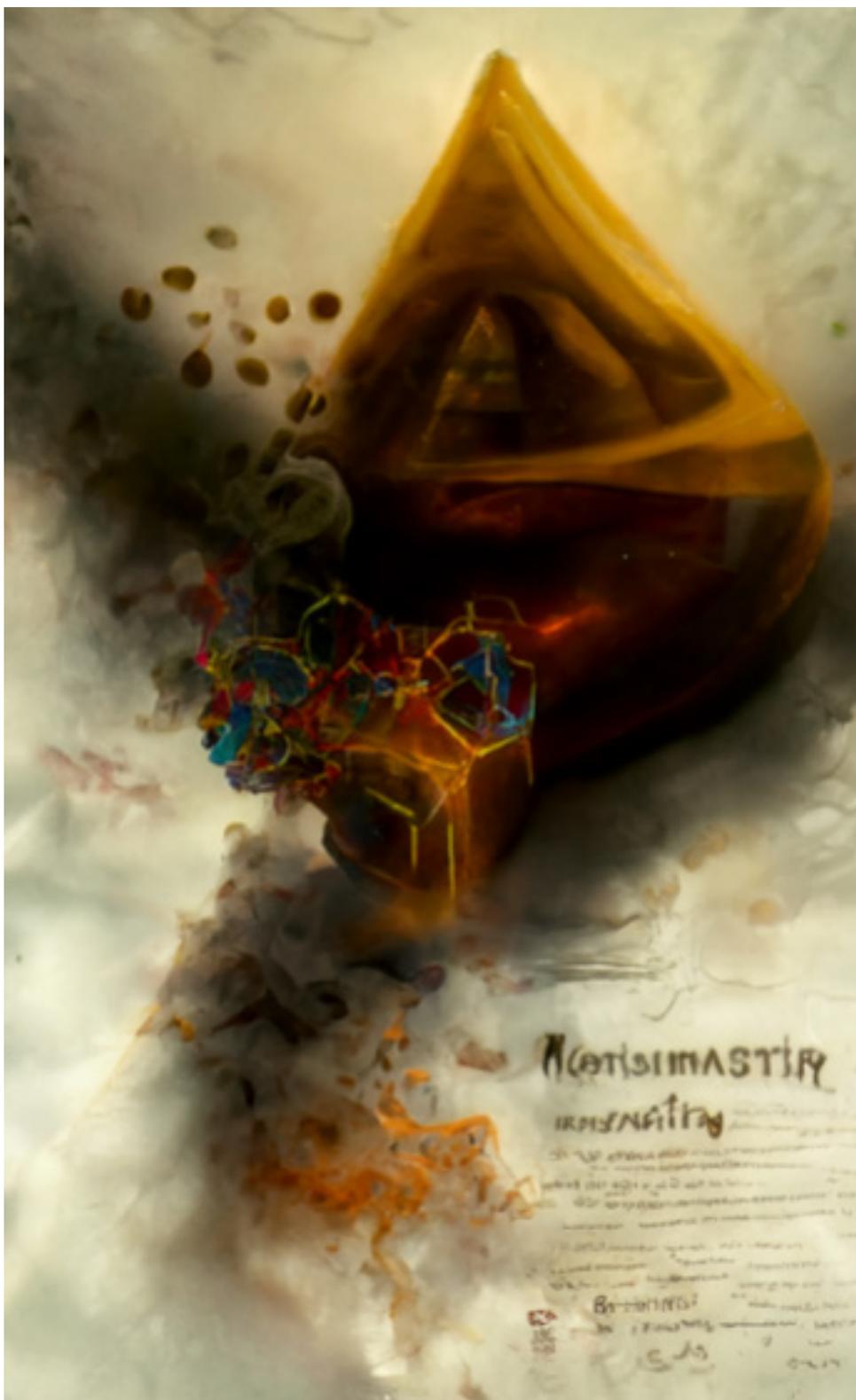
O ar propaga no ofegante o som da respiração de uma combustão.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º insurreição confusa

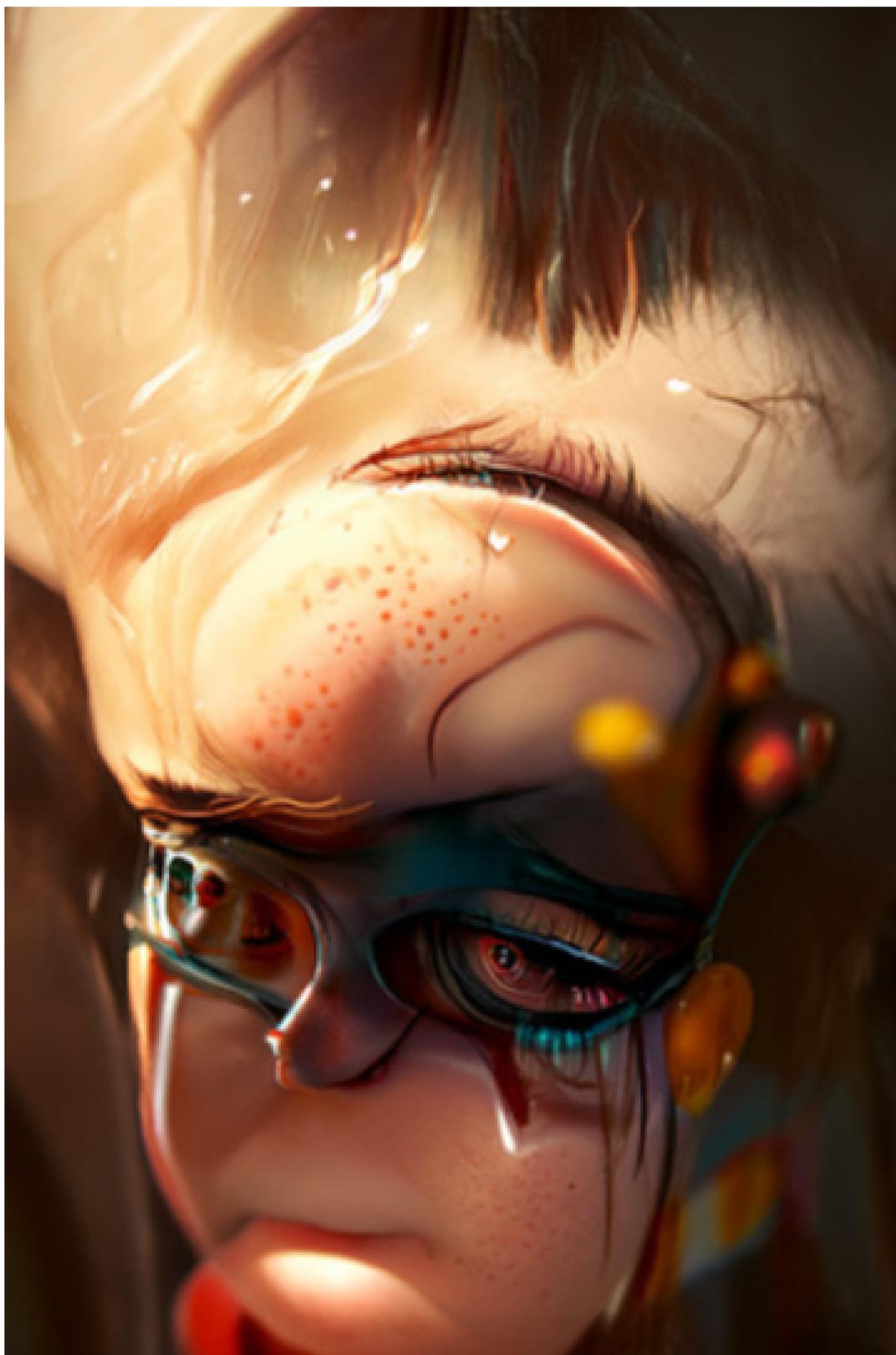
Devolver à química a filosofia natural que lhe deu origem é fato metafísico de nossa maturidade matemática de conspiradores.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º expertise

Ser experiente na tristeza é pré-requisito básico que, se não presente em currículo, arruína a empregabilidade de toda e qualquer competência no mercado afetivo.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º embalagem de alma

Eletrocutadas as rãs, restou envolver o homem com a razão, galvanizando definitivamente seu juízo de verdade.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º pacífico lar

Templo às tempestades dos que despencam rumo aos céus, arrastando consigo a história e toda a sua prole de criaturas deformadas, seres de abortivas verves. Última soleira dos frementes escravos.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º espantoso

O empolgante em uma catástrofe, não é apenas contemplar a beleza do completamente destruído, mas sim, a exigência que advém com o dia seguinte.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º vela votiva

*Quando de março a julho um céu faz festa, em meio as estroboscópicas luzes,
canta trovões e chora de alegria.*



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremata n.º frustração

A imoralidade de um Foucault é ter-se encontrado na epistémé que abisma sub-repticiamente as relações morais entre as coisas.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º financeirização

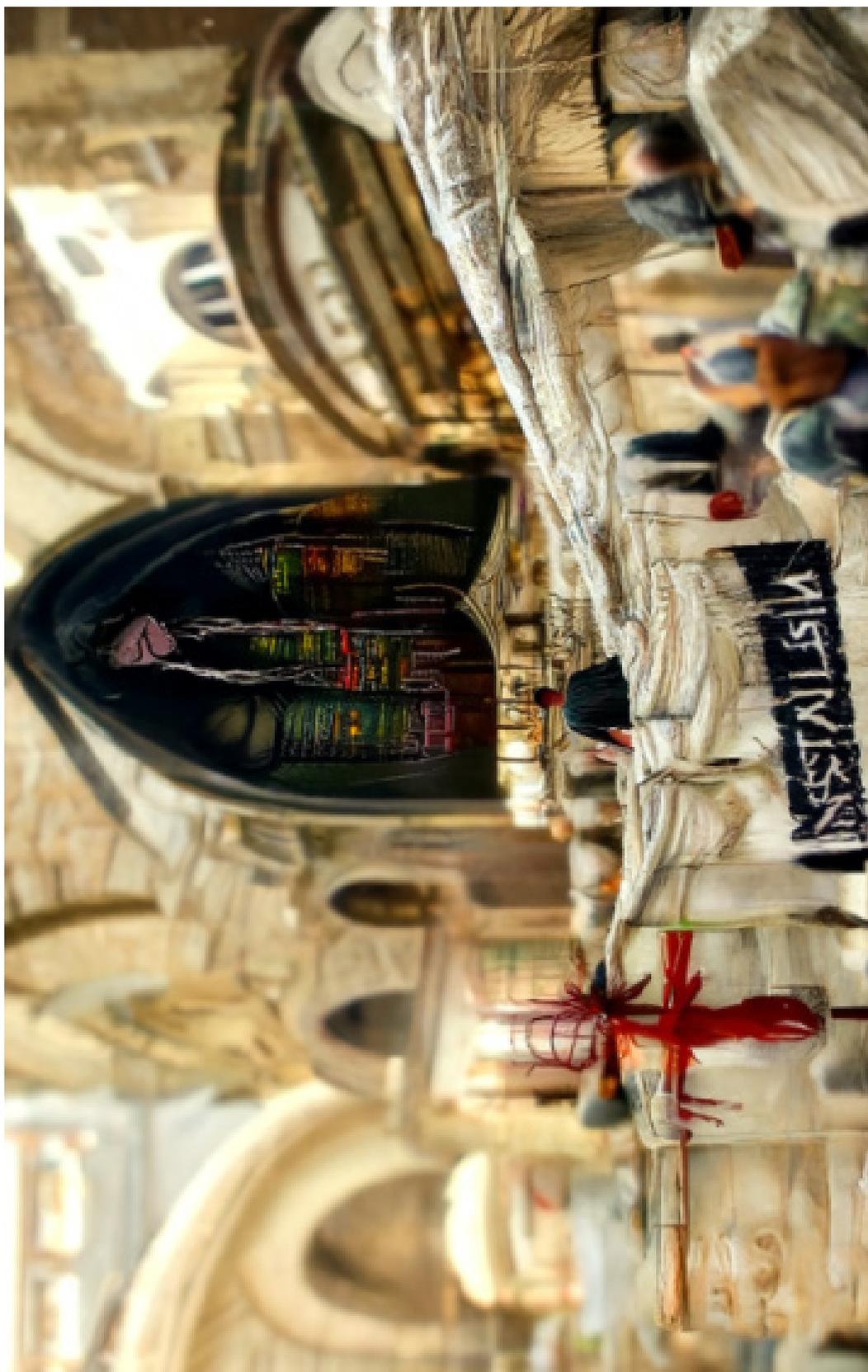
As estruturas das línguas nem sempre são dignos códigos de governo que frementes escravos devam seguir.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Neoliberalismo

Pelas mãos dos infieis são tecidos santos sepulcros sob medida para todos aqueles que neles creem.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Sangria

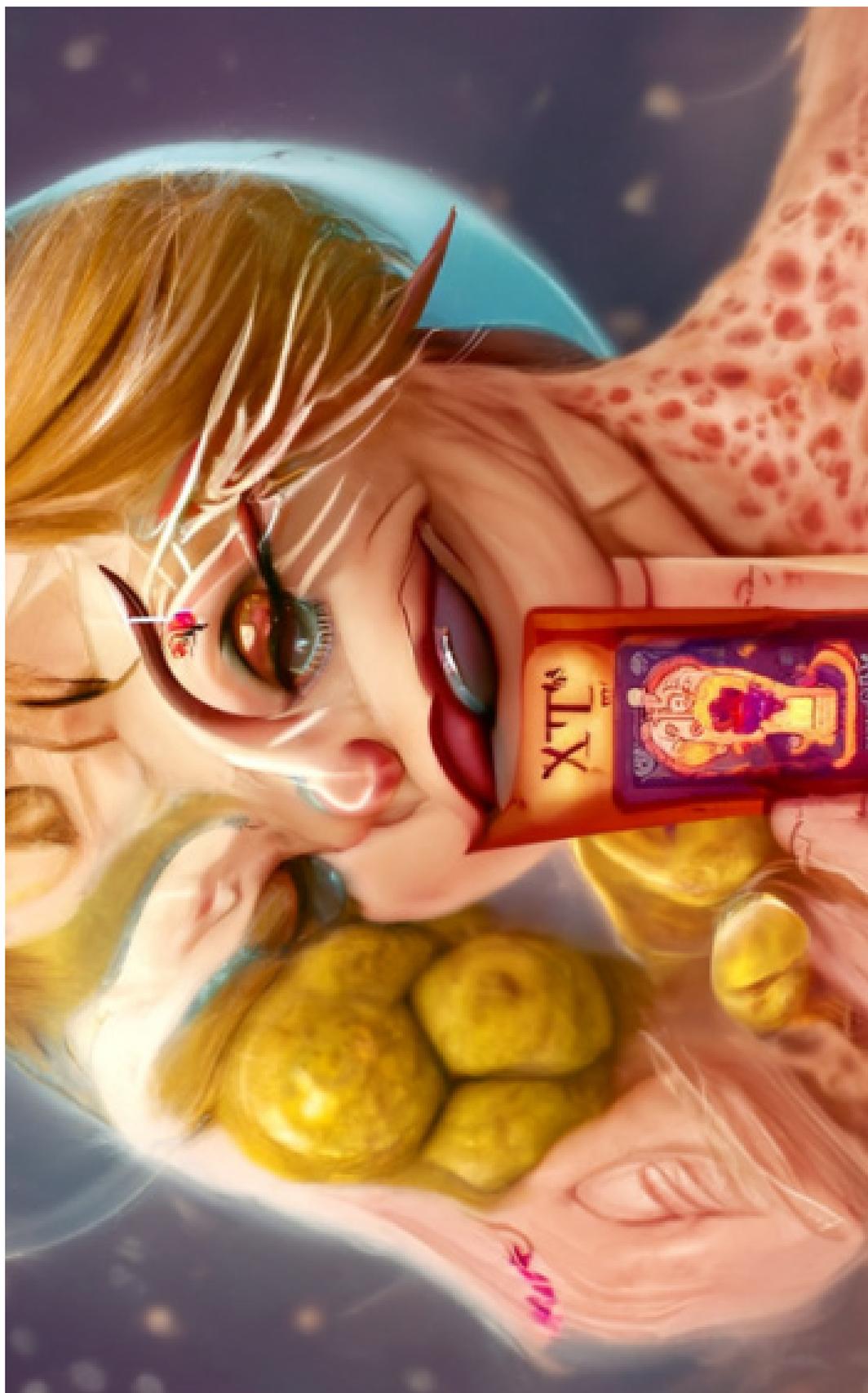
A bondade ou a indulgência do capitalismo só não é maior do que a torrente de sangue que se exige para que ele continue navegando.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Botox

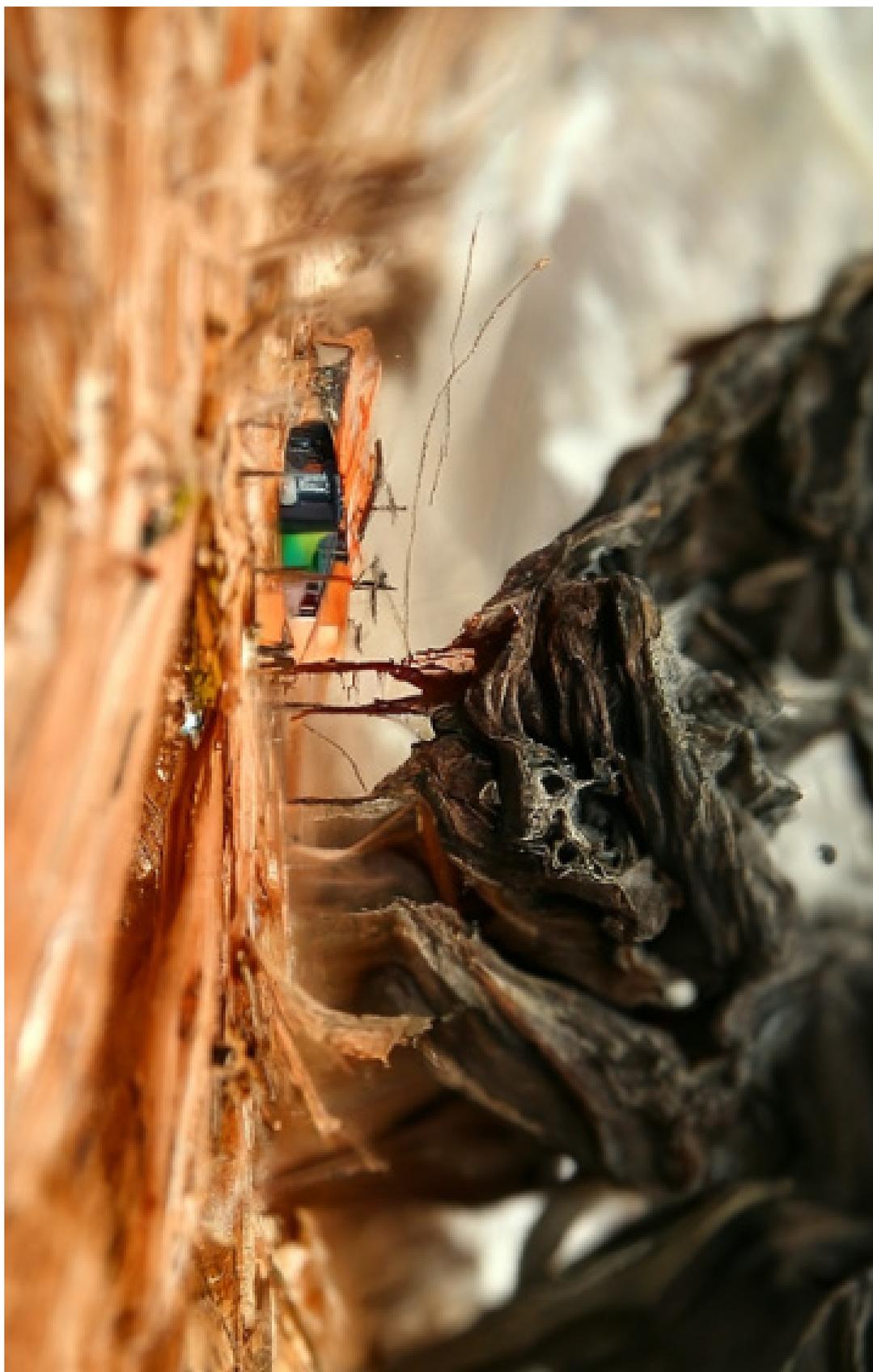
Molde de um rosto gelatinoso suspenso por chagas de borracha e medo.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Brazil

Desolação singular frente a singulares penúrias.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º proximidades

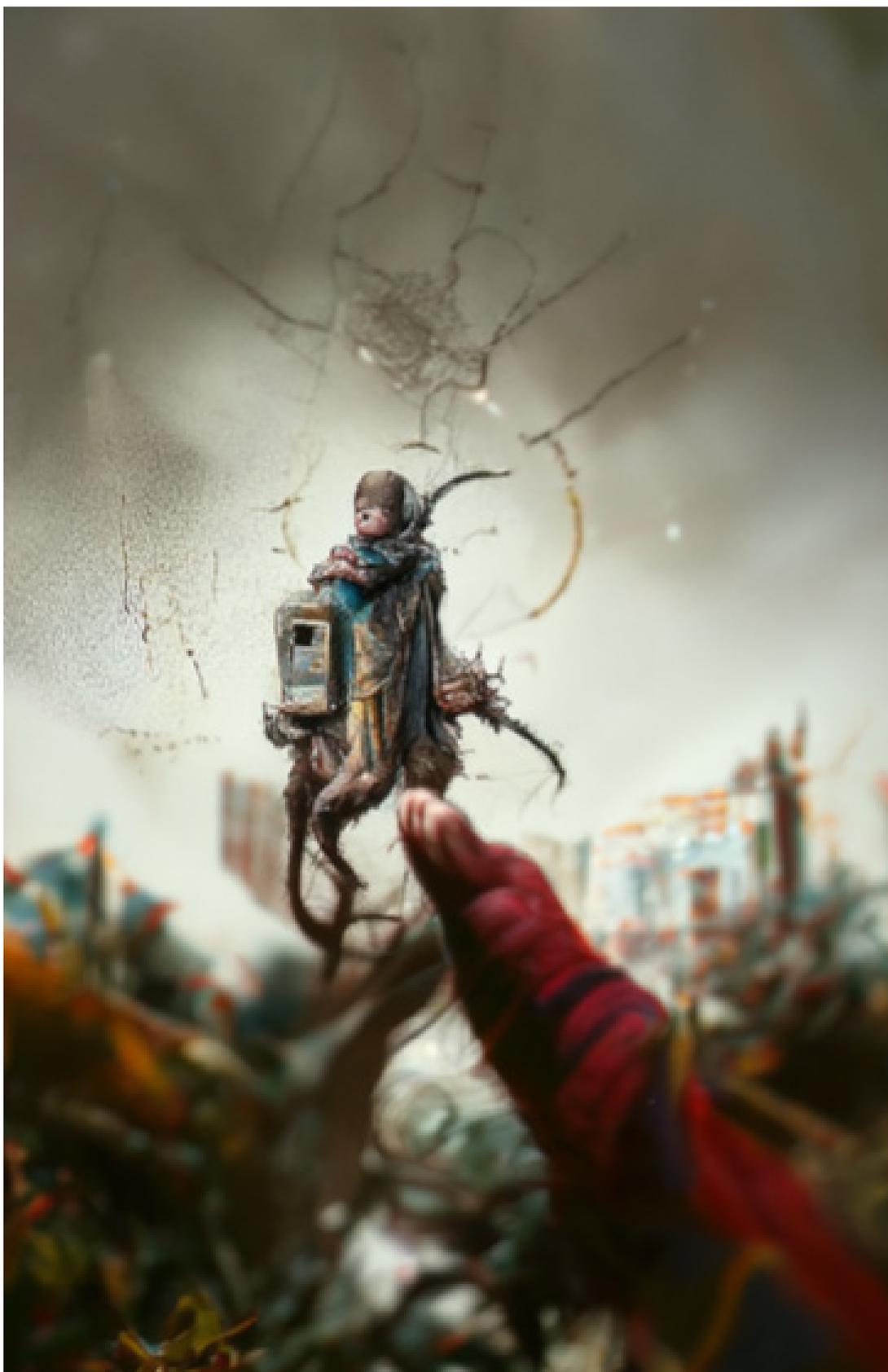
A empatia é um dedicado afeto em meio a brutalidade de um delicado encontro de carnes.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º obsolescência

Não há um mendigo que não denuncie sua orfandade.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º nômade

Em terras estrangeiras a pobreza do andarilho é sempre recebida pela miséria e o desespero daquele que se confunde com a própria ruína de suas raízes.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema nº funerária

A caatinga, curvada ante o cuidadoso sol, é mais do que um mar grafite em temerosa tempestade de dor e esperança. Acomodada em berço esplêndido, a mais digna flor de um mandacaru angustiado, é incapaz de conter tamanha selvageria mansa. Encoberta por lençóis de espinhos, a vegetação verte sua delicada resina como um choro contido perante a promessa de alva flor, pois, sabe-se que da composição harmônica restará tão somente a brancura salina de suas almas.



Monstrema n.º vento
Quando o mar estala, a alma congela.



[VOLTAR PARA SUMÁRIO](#)

Monstrema n.º globo

Por histórica perspectiva, ao sul do equador, todas as bandeiras hasteadas ao vento se agitam de cabeça para baixo, expressando que em momento algum, flâmula que seja conseguiu enxergar sob seus pés o solo que a ancora.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremá n.º documentário

A película filmica registra todo tipo de monstruosidade, menos aquela que unindo a imagem ao som movendo o catálogo cineasta.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º colisão

Em espectro de guerra total, quando monossílabos avançam juntos, os paralelepípedos racham.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º fé

Ao rir de si mesmo, à sua imagem e semelhança, Deus concebe deuses.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º revelações

Quando o olho cegamente segue as palavras deixa atrás de si um tirânico rastro de silêncios.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Victoria

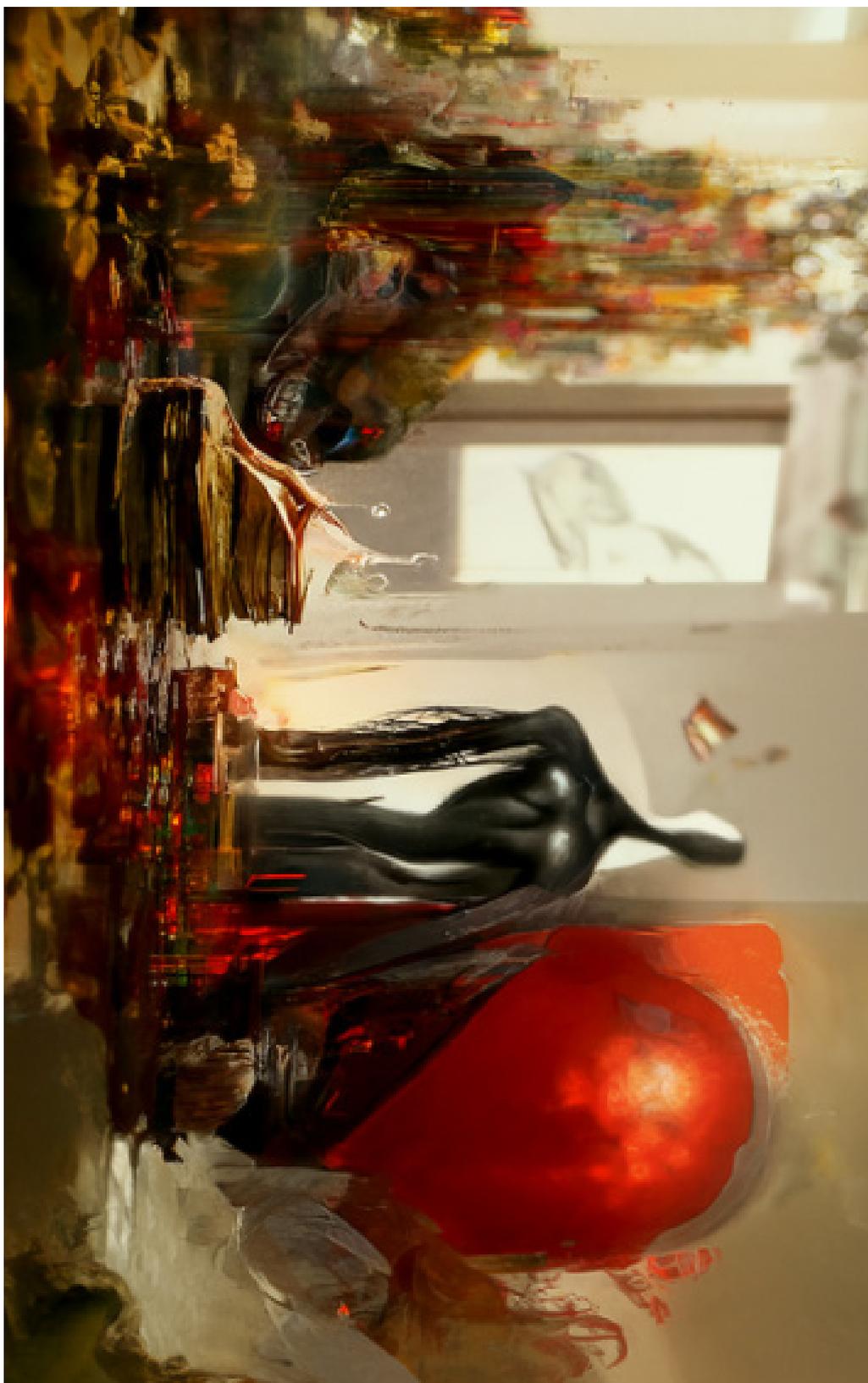
Para que a morte triunfe definitivamente será necessário que o último humano seja elevado à categoria de eterno vivente.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º poesia

Com o eterno retorno aprendi que tudo é ficção. Em sendo tudo uma ficção, agora sei que a arte é uma fraude mais do que necessária.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremã n.º escapismo

*A eterna morte mata. Mata, inclusive, pelo cansaço.
Para quem luta só, essa verdade revela-se mais cedo.*



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremia n.º sons de cores

O que o antagonismo silencia na flora faz gritar na fauna.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrem n.º obstrusa força

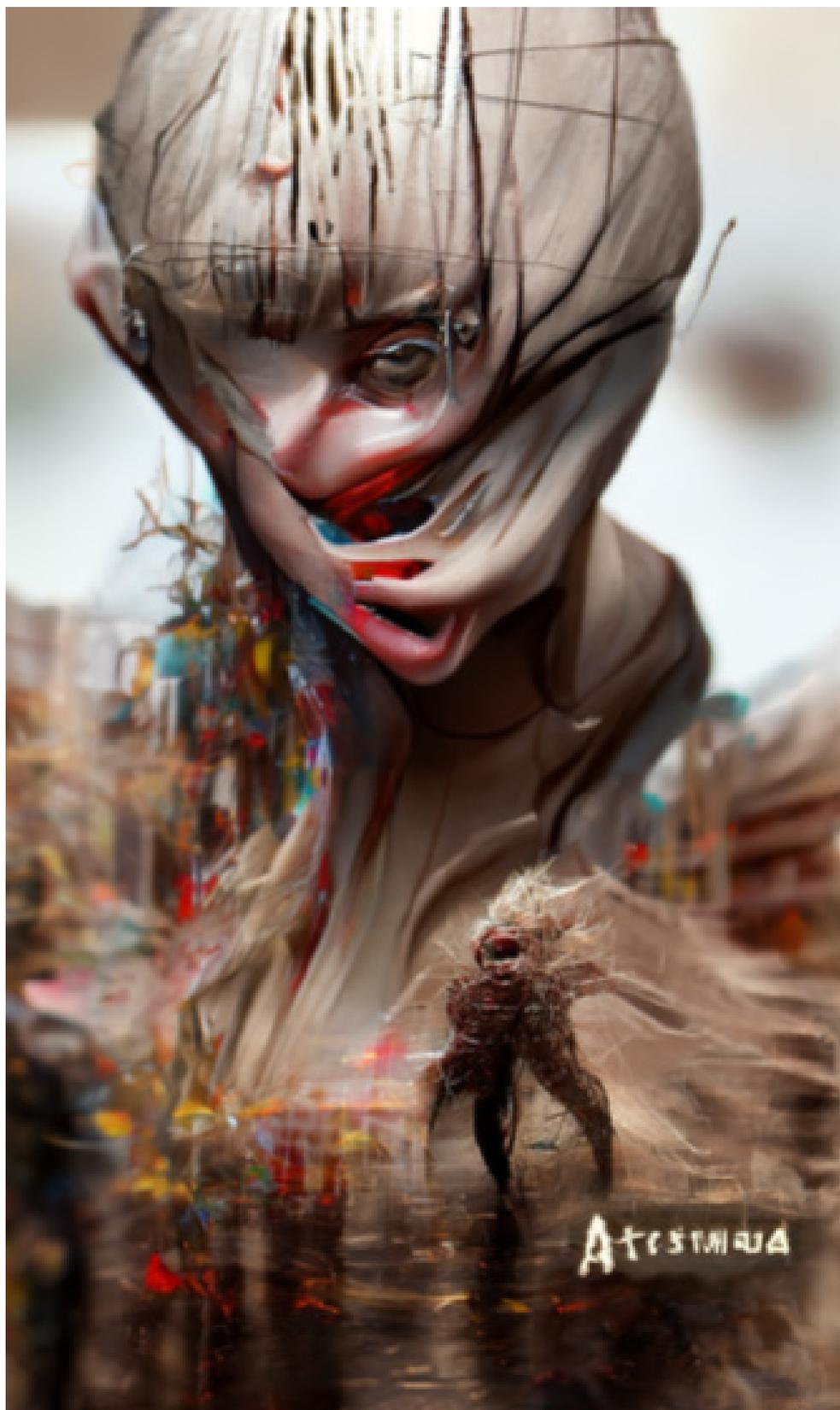
Desmantelar os mobiles, tocar fogo em naus, desamarrar as estruturas das pontes, sacrificar toda e qualquer tração, não são meros atos de desesperos, mas sim o fim de todo ato desesperado.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º ousadia

*Figuras insólitas exigem atos inéditos. Inventados não cabem mais no mundo.
Percebê-los é ser arrastado junto.*



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º sanha sede

De todas as fadigas advindas das ações modernas, parece que nenhuma foi capaz de amenizar a fome que não se sacia com inúmeras mortes alheias.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrem a saúde saúda a disciplina

Em compacta solidariedade, as Ciências Biológicas e da Saúde fazem do furor sanandis que as instituem uma certa estética que teima em garantir o seu próprio fracasso. Um brinde: Saúde!



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º arrastão melancólico

O raivoso vento do progresso é pura fúria inconsequente que nega até mesmo o primeiro passo rumo ao paraíso que promete.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º cérebros ressecados

O trabalhoso negócio dos evangélicos, aliado as fantasias doentias dos católicos, são capazes de distorcer a mais engenhosa invenção da realidade de que todos os irmãos, não necessariamente em Cristo, com Cristo ou muito menos ainda, por Cristo, creem esconder, até, de si mesmos.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º açogue

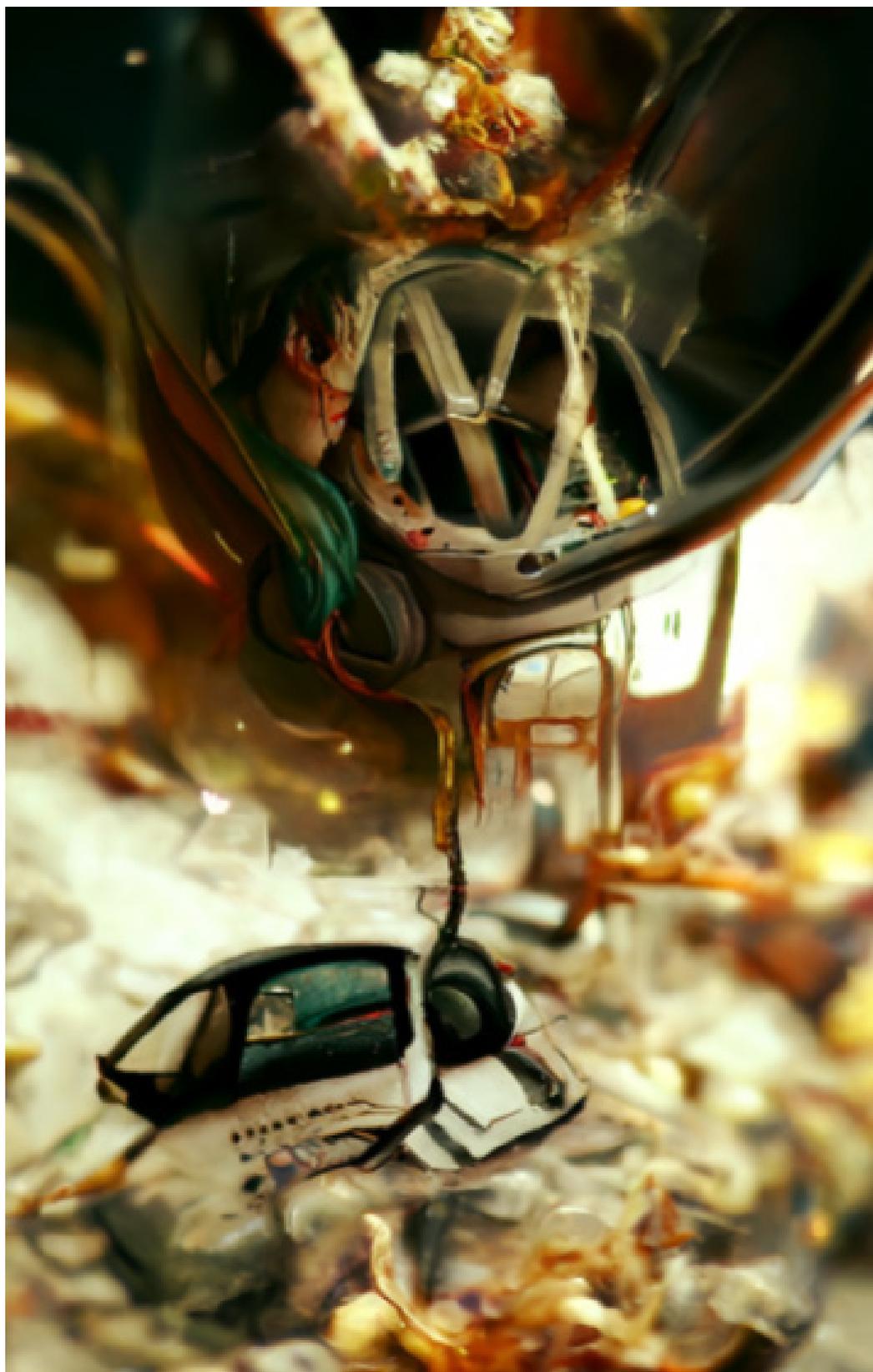
Um demônio na janela nem sempre é um diabo loiro bonito demais.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º rádio pan

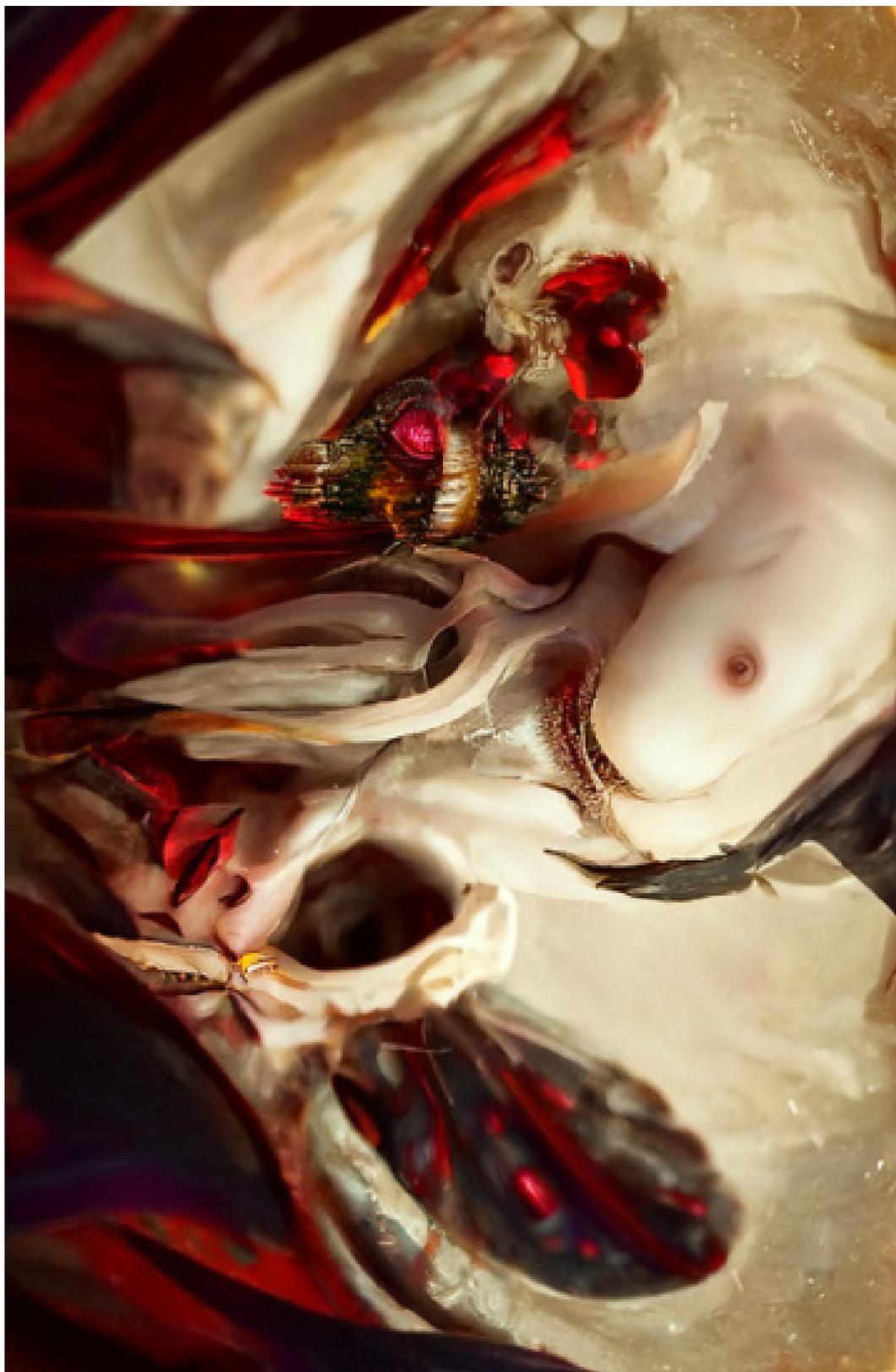
Do lado de dentro de um carro a vida é um concerto desmantelado que nem uma catástrofe é capaz de lhe dar conserto.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º biothanatos

Todo extermínio revela-se por ares de um prazer erótico. Quando o amor letal traz consigo um antigo cheiro de luto e esperança, o macabro retrato salta da tela, dança com víveres, destila seu ódio e retorna para casa sozinho como se nada tivesse ocorrido.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrem n.º passeatas granfinas

São Paulo é a república que sequestrou o Brasil. Nela um punhado de estelionatários vestiram Armani e se auto intitularam trabalhadores. Da arrogância colonial, logo se renomearam workaholics, e assim, a legião de trabalhadores brasileiros foi fisgada por sua língua.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º cativeiros de víveres

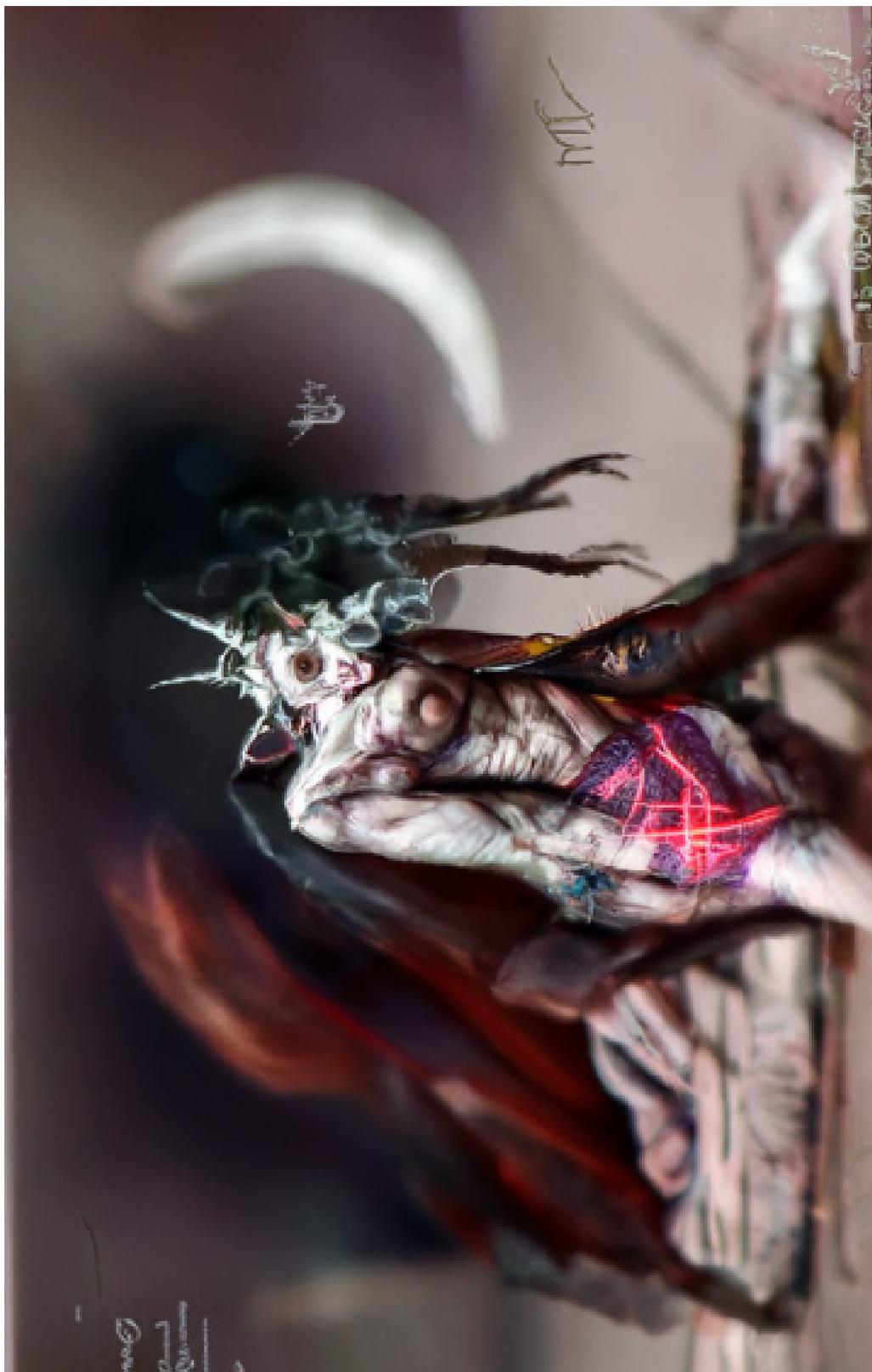
Dizem precisamente que a morte é uma libertação. O impreciso da operação é definir se da vida ou se da própria.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º nihil

*Ontem à noite me deparei com o demônio meridiano. Logo o descobri junkie.
Vestido de testo, pareceu-me Deus em agonia por ter perdido suas saias.*



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º dissolvência

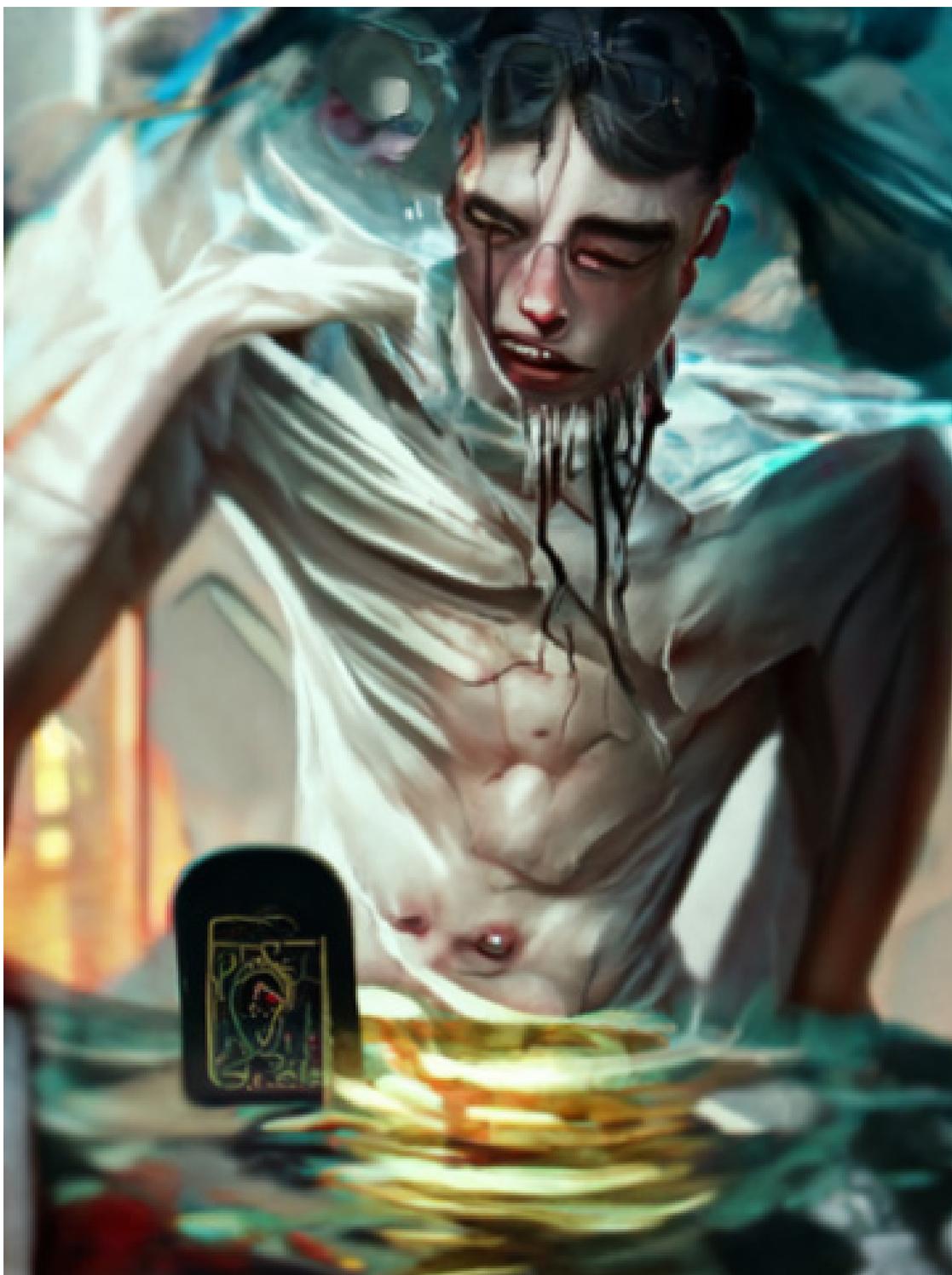
O mundo, o amor e a biologia são três razões que nenhuma dor desconhece, mesmo àquelas que se escondem sob os prazeres do vivo.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremã n.º testosterona

Ao acordar, vê os fantasmas abandonarem seu corpo, estes, mergulhados no suor que esfria a pele, nadam em desespero. Fugindo de mim, assustam-me: serei eu um monstro?



Monstrema n.º intimação



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º móbilía mental

Encarar o gosto genocida que somos nós, não é mera possibilidade dramática de raciocínio, é levante contra a subordinação subjetiva que nos acovarda diante da ética.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º transfigurações noturnas

Fazer repetir não é o mesmo que fazer-se repetir, eis o que um cientista não suporta à psicanálise.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º procrastinação

Pensar o futuro é exercício que parafuso torto não ousa.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Lacan

A angústia é uma data afetiva que no calendário não há registro.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremã n.º povoados

Não há uma linha sequer com a qual não se atenuem as vaidades do escritor.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º origami

Um corpo se esforça. Contorcendo-se, range, se fresta, se dobra, se verte, se desmonta, se duplica, se inerva, se agencia. Um corpo grita. Será ele capaz de ir à guerra que o clama? Saberá ele da potência requerida? Um corpo se desmantela. Ribanceira acima, afasta com as mãos as pedras que rolam de encontro ao rosto. Um corpo sangra. Soando, cospe, chora, urina, defeca. Completamente ensebado, um corpo brilha. Inequivocamente vivo, rir.



Monstrema nº a roupa
No xadrez deleuziano tudo é triângulo.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremã n.º poema vil

Em James Phipps plantou-se o vírus.

Para tanto, bastou a deus colher em sacrifício o filho de seu jardineiro.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º a chave

10% humano seria um livro 100% humano, não fosse os 90% restantes.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremata n.º conjuntos matemáticos

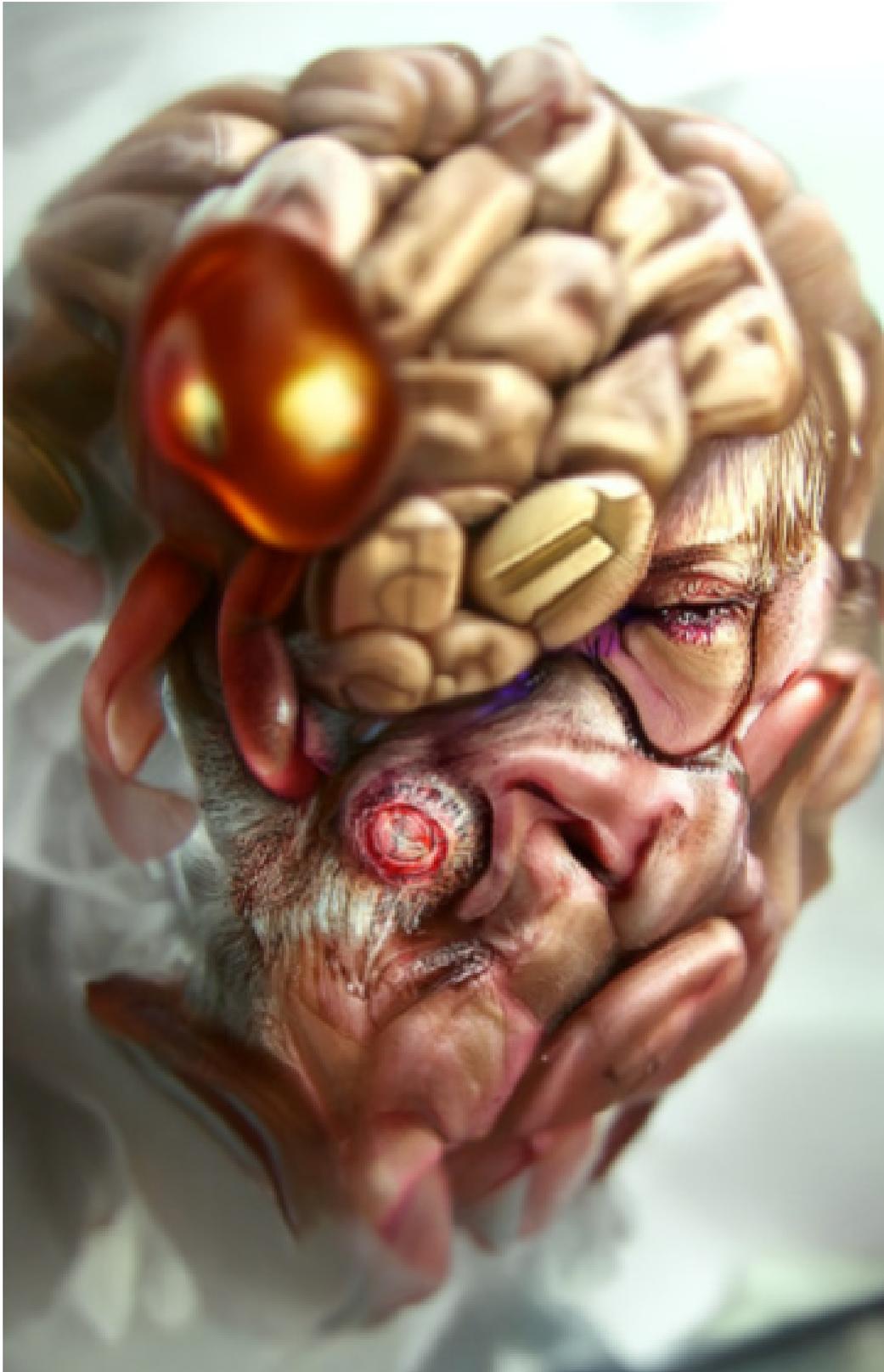
Estudos epidemiológicos revelam o quanto na merda está contida a política.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremas n.º ansiolíticos

“Quando recomendado por médicos, não provocam danos físicos ou mentais”, principalmente, se chancelados por um prêmio Nobel.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremata n.º infecção

Doenças de estilo de vida são sempre doenças frutos das prescrições.



[VOLTAR PARA SUMÁRIO](#)

Monstrema n.º saúde coletiva

Bactéria não é verme que pensa que é fungo?



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstremata n.º abnt

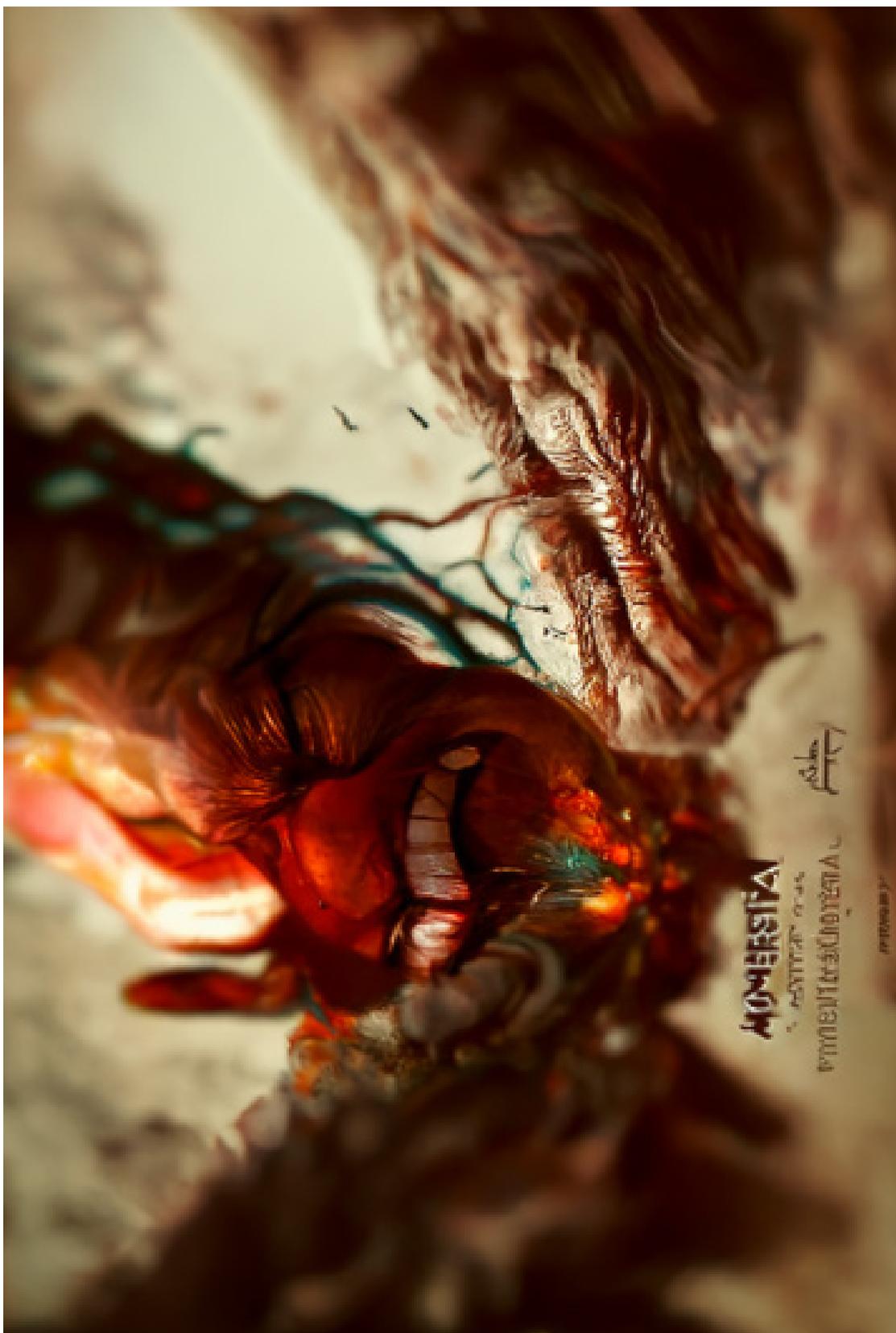
“É o dinheiro que está nos trazendo problemas crônicos de saúde” (Collen, 2016: 56)



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º invidia

A raiva é uma monstruosidade impotente que tem na esperança sua maior chaga.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º derradeiro

A morte traduz a todo vivente o real sentido da solidão.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º vida conseguida

Será que todas as nossas histórias já nos fizeram envelhecer ao ponto final do grande encontro com o nosso destino? Ou será que o que ocorre conosco é tão somente o salvífico ciclo mágico da repetição?



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º criptônimos

*Segredos são matérias que fazem palavras explodirem.
Dos destroços que produzem a catástrofe, faz seu abrigo mais seguro.*



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º filhos de Frankenstein

Não devemos temer o prometeu moderno. Como nós, ele é apenas um filho da mãe que, como nós, demanda cuidados. Ele é o nosso duplo. E, os infelizes arrepios que se inervam em sua presença não se restringem à repugnância que por ventura produz, pois, é também excitação erótica. Portanto, não temamos o monstro.



Monstremas n.º Plantas Alimentícias Não Convencionais

Quando o Estado de Washington autorizou o uso de cadáveres humanos em câmara de compostagem, o solo estadunidense ficou mais rico, na mesma medida que fez o campo civilizatório mais pobre.



Monstrema n.º centenária árvore

Nada é mais importante para uma ideia estapafúrdia do que assistir morrer quem lhe deu origem. Só assim, livre do peso da efetiva contradição humana, é que ela exercerá seu poder, sem limites.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º a querela do diagnóstico

O prognóstico é sempre uma assombração incômoda à epistemologia da clínica.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Monstrema n.º Barros

À procura do velório, um homem esbarra na flor. Sem pestanejar a leva consigo, mal sabia ele que a pobre coitada fora cultivada para selar uma jura de amor eterno.



VOLTAR PARA SUMÁRIO

Sobre o livro

Finalização Erick Ferreira Cabral

Impressão Gráfica Universitária da UEPB

Formato 15 x 21 cm

Mancha Gráfica 10 x 15 cm

Tipologia utilizada Chaparral Pro 11/13 pt

Papel Polen 75g/m² (miolo)
e Cartão Supremo 250g/m² (capa)

LIVRO DOS MONSTREMAS

Como bombas em fogueiras de São João, inúmeras imagens incandescentes são arremessadas violentamente ao ar, espalhando-se luminosamente por todo o campo. Ao despencarem, tais artefatos desenharam, sobre o chão frio, anamorfoses pulsantes que se movimentam entre brasas convocando assistência encantada a fazerem uso da paralaxe que pode desvelar o enigma presente no escrito contido da imagem.

Os monstremas que veremos a seguir seguem a lógica de uma emergência operada em pares de ilusões duplamente reinscritas que, por sua vez, obedecem a uma estranha construção "somatoforme" capaz de pintar a escrita escrevendo-se nas imagens. Por tal economia transaciona-se elementos topológicos capazes de desestabilizar afetos que deformam a posição da assistência produzindo também nela, efeitos anamórficos, sugerindo, quem sabe, no seu olhar, a sombria ação da pulsão de morte.

Ângelo Giuseppe Xavier Lima
Júlio César de Melo Borges